



Quele Pinheiro Valença Marçal

A leitura no mundo digital: reflexões acerca do livro eletrônico

Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, orientada pela Doutora Maria Manuel Borges, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A leitura no mundo digital: reflexões acerca do livro eletrónico

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A leitura no mundo digital: reflexões acerca do livro eletrónico
Autora	Quele Pinheiro Valença Marçal
Orientadora	Prof. Doutora Maria Manuel Lopes de Figueiredo Costa Marques Borges
Júri	Presidente: Prof. Doutora Maria da Graça Melo Simões Vogais: 1. Prof. Doutora Maria Manuel Lopes de Figueiredo Costa Marques Borges 2. Prof. Doutora Raquel Gómez Díaz
Identificação do curso	2º Ciclo em Ciência da Informação
Área científica	Ciência da Informação
Especialidade/Ramo	Biblioteconomia e documentação
Data da defesa	22-02-2018
Classificação	19 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1. O livro e a leitura	5
1.1 Enquadramento histórico-cultural.....	5
1.2 Leitura digital – Nova realidade para o leitor?.....	12
1.3 Práticas de leitura e modos de ler	15
1.4 Tecnologia, Sociedade e a Leitura Social.....	21
Capítulo 2. Livros eletrônicos	26
2.1 Contexto histórico-social e definições	26
2.2 Ferramentas para acesso e leitura de livros eletrônicos	41
2.3 Cadeia produtiva do livro eletrônico: principais atores	48
2.3.1 Autor	49
2.3.2 Editoras/Editor	51
2.3.3 Canais de distribuição.....	53
Capítulo 3. Da literacia às multiliteracias	57
3.1 Leitura analógica <i>versus</i> leitura digital.....	57
3.2 A multimodalidade textual	63
3.3 Letramento digital: competências para leitura digital	68
3.3.1 Nativos digitais	77
Considerações finais	82
Referências bibliográficas.....	86
Índice de Figuras.....	91
Índice de Quadros	92

*Chegando em casa, não comecei a ler.
Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter.
Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas,
fechei-o de novo, fui passear pela casa,
adiei ainda mais indo comer pão com manteiga,
fingi que não sabia onde guardava o livro,
achava-o, abria-o por alguns instantes.
Criava as mais falsas dificuldades para
aquela coisa clandestina que era a felicidade.*

Clarice Lispector (1998)

Agradecimentos

A minha mãe, Cleonice Pinheiro, pelo amor e incentivo. A meu pai, José Renaldo Valença, pelo apoio.

A família Pinheiro, sempre fonte de alegria e repouso.

A Antonio Balbino, por abrir caminhos, pelo apoio e incentivo.

A Silvana Reis e Rita Argollo, que me apoiaram e me incentivaram a continuar apesar das dificuldades.

A minha orientadora Doutora Maria Manuel Borges, por acreditar em mim e mostrar os possíveis caminhos que eu poderia percorrer na minha pesquisa.

A Roberto Carvalho, por ser um grande amigo e pela ajuda fundamental na revisão do meu texto.

Aos professores do Mestrado em Ciência da Informação da Universidade de Coimbra, dos quais tive a grande honra de ser aluna.

A Antonio Traldi, que chegou quando tudo era bagunça, mas que mostrou que sempre há um recomeço.

A Romário Santos, pela ajuda com a língua inglesa e pelas discussões acerca do tema da minha pesquisa.

A Deise Krause, por elaborar a arte da capa e ter me ajudado com a formatação final do texto.

As amigas que sempre estiveram do meu lado: Rose Nóbrega, Sayonara Machado, Larissa Gila, Heide Pandini, Mileide Santana e Adriana Queiroz.

Aos colegas de mestrado Paulo Silva, Rosa Gomes, Daniel Gonçalves e Cristina Caetano, pelos almoços sempre agradáveis e produtivos.

Às bibliotecárias e técnicos da Biblioteca de Letras da Universidade de Coimbra.

Ao amigo brasileiro que conheci em terras lusitanas, o menino Paulo Dantas.

Muito Obrigada!

A Joaquim Valença Marçal

Resumo

O desenvolvimento tecnológico e as mudanças ocorridas em diversos setores da cadeia produtiva do livro serviram como base para refletir sobre o modo como o leitor encontra-se dentro desse novo contexto social impulsionado pelas novas tecnologias. Para compreender como a tecnologia digital influencia e altera as práticas e modos de leitura, foi necessário abranger diversos momentos históricos que fomentaram a evolução do livro e da leitura. O objetivo desta dissertação é refletir sobre a questão da leitura no mundo digital, isto é, sobre o impacto gerado nas práticas e modos de leitura no contexto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), tendo como referência a leitura em livros eletrônicos e as novas competências exigidas pela tecnologia digital perante o ato de ler. Adota-se como metodologia a revisão de literatura de modo a evidenciar as transformações nas práticas de leitura e o desenvolvimento dos suportes de leitura e escrita, em especial nos livros eletrônicos. Constatou-se que as transformações nas práticas de leitura vão além de aspectos físicos ou digitais, e abrangem toda a cadeia produtiva do livro, desde o autor até o leitor. Essas mudanças também ressignificaram o ato de ler e escrever, fazendo com que o leitor contemporâneo tenha uma participação mais ativa e dinâmica que lhes permitem decodificar os novos gêneros linguísticos e utilizar as diversas ferramentas e recursos digitais.

Palavras-chaves: Práticas de leitura; Leitor; Livro eletrônico; Sociedade da Informação; Letramento digital.

Abstract

The technological development and the changes occurred in different sectors of the books supply chain served as base to ponder over the way the reader is in this new social context impelled by new technologies. In order to comprehend how the digital technology impacts on and modifies the way of reading, it was necessary to encompass historical moments that fostered the book and the reading evolutions. The goal of this thesis is to reflect on the issue of the reading in digital world, namely, about the impact generated on the practices and ways of reading in the context of the Information and Communication Technology (ICT), considering the reading of e-books and the new competences demanded by the digital technology before the act of reading. We adopted as methodology the review of literature aiming to make clear the transformations of the reading practices and the development of the reading and writing devices, especially on the e-books. We verify that the transformations in the reading practices exceed the physical and digital features, and comprise all the supply chain, from the author to the reader. These changes also gave a new meaning to the act of reading and writing, providing the contemporary reader with a more active and dynamic participation that allows to decode the new linguistic genders and use the different digital tools and resources.

Keywords: Reading practices; Reader, E-book; Information Society; Digital Literacy.

Introdução

“A leitura começa com os olhos”

(Alberto Manguel, 1999)

A história do livro oferece uma riqueza de informações que podem desencadear diversas pesquisas. Isso se dá pelo legado de sua evolução e pelo fato de abranger diferentes atores e objetos materiais e imateriais que dela resulta. Alguns dos atores que participam da construção e manutenção desse importante bem cultural, o livro, são os escritores, editores, impressores e os leitores, seja no contexto impresso ou virtual. Esta pesquisa propõe uma investigação que se baseia no passado, mas com o olhar no futuro, de forma a perceber as transformações nas práticas de leitura e o desenvolvimento dos suportes de leitura e escrita, em especial nos e-books ou livros eletrônicos.

A relevância desse tema pode ser destacada pelo momento de reconfiguração ou transição dos suportes de leitura que ocorre atualmente na sociedade, supondo-se alguma noção sobre a carência de estudos que tratam desse fenômeno e o que acontece às práticas de leitura que envolvem as TIC e a natureza dessas transformações. A história do livro e da leitura sempre foi uma fonte para estudos que buscam analisar as práticas sociais, pois a evolução desses dois bens culturais possibilitam conjuntamente o registro e acesso ao conhecimento.

O leitor sempre foi uma peça fundamental para o desenvolvimento do livro e das práticas de leitura. Independente da tradição da época e da modalidade da leitura, individual ou coletiva, sua influência sempre esteve presente nas distintas práticas sociais. Hoje, mais do que nunca, a participação do leitor torna-se indispensável para manutenção e desenvolvimento da cultura escrita e da leitura, para as transformações dos símbolos escritos ou impressos, ou para decodificação de informações em tela. Diante disso, busca-se nessa pesquisa, problematizar: Quais os aspectos relacionados ao livro e a leitura que sofreram mudanças diante ao aparecimento das TIC, em especial no leitor?

Como bibliotecária e leitora que está inserida no atual contexto que envolve o aparecimento do livro eletrônico, surgiu o interesse em investigar como se deu esse processo de mudança a fim de entender como o movimento gerado através das TIC influenciou as particularidades em relação ao livro e à leitura. Portanto, a presente pesquisa tem como principal objetivo investigar o impacto gerado nas práticas e modos de leitura no contexto das TIC, especificamente a leitura em livros eletrônicos, que fomenta novas competências exigidas pela tecnologia digital perante o ato de ler.

Para tanto, será traçado um panorama geral relativo à evolução da leitura e sua relação com às TIC, analisando as consequências dessas transformações perante o leitor. O leitor foi o fio condutor para explorar e entender as mudanças que ocorrem com a inserção dos livros eletrônicos na sociedade, seu papel e influência perante o atual momento em que se vê a interação entre os dois suportes de leitura, o impresso e o eletrônico também foi objeto da reflexão. Tem-se como base o leitor que utiliza diversos tipos de literatura, ou seja, o leitor da presente pesquisa vai além das leituras acadêmicas, científicas, eruditas, filosóficas, etc., pois, desta forma, pode-se ter uma abrangência maior acerca do processo de formação das práticas e modos de leitura em diversas épocas da história da sociedade. Outro aspecto importante nesse estudo é o uso do termo livro eletrônico para fins de padronização da escrita e compreensão dos leitores.

Nesta investigação continuamente haverá uma relação entre o passado e o presente. Contudo, sabe-se que todo trabalho científico requer um recorte temporal, porém, nesta pesquisa, esse recorte não será delimitado por anos, mas será fundamentado por dois aspectos: 1) a leitura como um organismo em constante desenvolvimento que decorre ao longo dos séculos; 2) o momento atual que se caracteriza por mudanças rápidas e fluídas, que ocorrem em décadas, anos, meses ou semanas.

Nesse sentido, a não atualização dos dados estatísticos relativo a produção e consumo de livros eletrônicos nessa pesquisa, corresponde as constantes inovações em organizações e empresas ligadas as TIC que produzem e distribuem novos produtos, plataformas, softwares e suas

atualizações, numa velocidade constante. Logo, isso demandaria ao longo da pesquisa, um trabalho contínuo para que os dados e informações estivessem sempre atualizados, partindo da premissa que quando os dados estatísticos são publicados eles já se encontram estão defasados.

A metodologia adotada será a revisão de literatura com base em momentos históricos distintos a fim de traçar uma linha de investigação que resulte numa correspondência entre o passado e o presente referente às práticas e modos de leitura. Para fundamentação dessa pesquisa, buscou-se como embasamento teórico os estudos de Chartier (1996, 1997, 1998, 2001) e Darnton (2009), para busca dos fragmentos históricos, Borges (2002, 2006), Peter Burke (2003), Castells (2000) e Furtado (2007), para aspectos relativos às práticas sociais e o desenvolvimento tecnológico, Lévy (1998, 2010), José Antonio Córdon García (2014, 2015, 2016) e Julio Alonso-Arévalo (2014, 2015), para análise da natureza das novas tecnologias e a disponibilidade dos recursos e serviços disponíveis no meio digital e Dionísio (2005) e as referências por ela utilizada, especialmente em artigos científicos, no âmbito da multimodalidade textual e letramento digital.

O trabalho está dividido em três capítulos; no primeiro, descreve-se um breve contexto histórico-social acerca da relação livro/leitura, mostrando aspectos do processo evolutivo do livro como produto cultural e das práticas de leitura, assim como as mudanças ocorridas devido ao surgimento das TIC. Descreve-se como o universo do leitor se modificou com a tecnologia digital, mas ressalta-se que as práticas de leitura evoluem conjuntamente com a técnica vigente em determinada época, as quais acompanham as modificações no uso e acesso do livro. Assim, relata-se como todo esse processo fomentou uma nova prática de leitura, a leitura social, que abrange o uso das novas tecnologias e tem como função a interação social.

No segundo capítulo, apresenta-se um contexto histórico-social, assim como as possíveis definições acerca do livro eletrônico. Para tanto, mostram-se os principais acontecimentos que envolvem o processo de surgimento das TIC até culminar no lançamento do primeiro livro eletrônico e de todo aparato que o compõe como: softwares, hardwares, plataformas de leitura, bem como

o papel de grande importância da hipertextualidade, principal característica dos livros eletrônicos. Descrevem-se, também, quais as ferramentas usadas para o acesso e leitura de livros eletrônicos, suas principais características e como estas são desenvolvidas por grandes empresas multinacionais que representam o mercado de livro eletrônico em nível global – mostrando assim em que aspectos os principais atores da cadeia produtiva do livro adaptam-se às modificações originadas pelo novo modelo de comércio do livro.

No terceiro capítulo, abordam-se as principais características relativas às diferenças entre a leitura analógica e a leitura digital, face às vantagens e desvantagens do uso do livro eletrônico. Mostra-se que diante das novas formas de se fazer leitura, há também a necessidade de aprender a ler novas mídias, e isso ultrapassa o interesse individual do leitor, conduzindo-o a adquirir habilidades que estão em voga no âmbito social. Isso ocorre devido à ruptura com o modo tradicional de letramento, que passa a adquirir um aspecto multimodal ante ao uso do texto eletrônico. Apresentam-se aspectos voltados para o letramento digital aplicado ao leitor contemporâneo, assim como apresenta as definições e características do leitor nascido em ambiente digital.

Capítulo 1. O livro e a leitura

O que é certo é que o ato de ler, que resgata tantas vozes do passado, preserva-as às vezes muito adiante no futuro, onde talvez possamos usá-las de forma corajosa e inesperada.

Alberto Manguel (1999)

1.1 Enquadramento histórico-cultural

Indagar sobre as mudanças que ocorrem no mundo da leitura e do leitor com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é também tentar explicar o momento de transição atual do suporte de informação mais estimado pelos leitores, o livro. Parece óbvio analisar a ligação entre o livro e a leitura, pois o livro como produto cultural foi ou é o mais representativo símbolo usado pela humanidade para o registro e a preservação da memória coletiva. Contudo, a história do livro mostra que essa interação livro e leitura ou livro e leitor passou por séculos de mudanças, alterando os modos e práticas de leitura e as competências necessárias para realizá-la. A proximidade existente entre o livro e a leitura no presente parece tão evidente que discutir a relação desses dois aspectos, hoje comuns na sociedade, pode causar estranheza. Contudo a ligação entre o livro e a leitura, ou o ato de ler, assim como o responsável pela ação desse ato, o leitor, foi evoluindo progressivamente na sociedade ocidental¹.

O objeto² 'livro' foi a principal expressão da cultura mundial, contudo, se hoje ele não é o suporte principal para registros da cultura, ele ainda mantém

¹ Este trabalho circunscreve-se à sociedade ocidental.

² Aliás, é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como num livro que encerra no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o

um papel bastante significativo na presente época que tem como principais funções disseminar a informação e mediar a comunicação entre gerações. Otlet *apud* (Serra, 2014) define o livro e o documento como “suportes de matéria e dimensão onde se incluem signos representativos de certas datas intelectuais. O livro é visto como uma coisa corpórea, artificial e que possui uma utilidade intelectual (não matéria)” (p. 73).

A leitura pode ser definida “enquanto actividade psicológica e cognoscitiva” e o ato de ler tendo “à participação de uma actividade corpórea, de todos os sentidos em acção” (Borges, 2002, p. 121). Hoje, o leitor depara-se com uma nova forma de leitura amparada por ferramentas tecnológicas diferentes das quais tinha costume, tendo que criar habilidades inerentes ao novo processo evolutivo com as tecnologias de informação e comunicação presentes na sociedade. De fato, aspectos recorrentes nas práticas de leitura não mudam diante da técnica vigente:

Com efeito, existe na leitura de divertimento (e em toda leitura) uma posição (atitude) do corpo: sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé... Além das atitudes próprias às gerações ou aos dados técnicos (a vela, o abajur, por exemplo) ou climáticos, uma disposição pessoal de cada um para a leitura (Goulemot, 1996, p.109).

Certamente, a leitura em diversas mídias, comum nos dias de hoje, como leitura de/com imagens, sons, hiperdocumentos, táteis, visuais, depende de habilidades prévias a sua realização. O uso de computadores, *tablets*, *smartphones*, *e-readers* diferem em vários aspectos da leitura em registros manuscritos e impressos, porém a evolução desses registros de informação mostra a relevância no desenvolvimento da tecnologia precedente para a atual. Segundo Chartier (2001), “a forma contribui para o sentido” (p. 148), pois é uma nova representação textual que muda em sua estrutura e em sua disposição³. Sendo assim, faz-se necessário ter como base o que acontecera

leitor embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (Chartier, 1999, p. 12-13).

³ Além disso, com a estrutura absolutamente inaudita da disposição do texto na tela existe sempre o esforço para impor nossos critérios e estruturas, pertencentes ao livro impresso, sobre o livro eletrônico: a ideia da paginação, das notas ao pé da página, etc., elementos que

na história dos primeiros suportes de informação, a exemplo, os manuscritos que lentamente foram substituídos pelo livro impresso, como também, os modos e as práticas de leitura e do seu personagem principal: o leitor. De acordo com Borges (2002):

Não se trata de negar que nos encontramos num momento em que nos é dado assistir as intensas mudanças tecnológicas e culturais, mas antes de procurar refletir sobre o seu significado de modo a que nos seja permitido definir as condições de futuro (p.114).

Apesar de não ser a questão central dessa investigação, um tema frequente na sociedade atual, seja no meio acadêmico ou fora dele, é se ocorrerá a substituição do livro impresso pelo livro eletrônico. Darnton (*apud* Serra, 2014, p. 71) considera que:

[...] enxerga a época atual como um período de transição, semelhante as demais transformações pelas quais a informação passou. Segundo ele, toda a história da humanidade teve sua era da informação, compatível com o desenvolvimento tecnológico e mídias existentes em cada período. As informações recentes estão disponíveis, em sua maioria, na forma on-line, porém, isso não representa a extinção das obras impressas ou a garantia de que a informação produzida nessa era tem sua permanência assegurada.

Partindo do pressuposto das familiaridades, peculiaridades e diferenças entre as práticas de leitura num livro impresso e em um livro eletrônico, o *e-book*, a análise se fará através da perspectiva histórica e do contexto social em que se encontra o leitor diante dos livros eletrônicos e secundariamente pelos seus aspectos físicos. Nesse sentido, reforça-se a importância de se analisar as práticas de leitura numa concepção histórica, com perspectivas sociais e culturais. Segundo Bauman (*apud* Furtado, 2007):

O destino do livro no nosso mundo globalizante não depende, e não pode ser explicado apenas pelas tecnologias, mesmo que sendo tecnologias de impressão, ou por outros factores confinados ao mundo de edição. Os livros partilham a sorte das sociedades de que fazem parte e, quando nos preocupamos com o destino dos livros e da leitura, devemos olhar mais de perto para a sociedade e para as suas tendências (p.141).

são imposições da antiga forma do texto em uma estrutura que permitirá mudá-la totalmente, sem pensar na relação entre textos e notas, sem utilizar a terminologia livro impresso (Chartier, 2001, p. 149).

É fato que os impactos em certas estruturas sociais e culturais, não só observando qual mídia será usada no processo de comunicação, são uma forte influência na emergência das análises desses novos artefatos informacionais que moldarão as novas configurações dos modos de acesso e transmissão da informação. A humanidade há séculos passa por consideráveis mudanças sociais, culturais e tecnológicas, porém essas transformações não ocorrem num curto período de tempo, o modelo anterior serve como base para manutenção de novas tecnologias pelo tempo necessário no cotidiano das pessoas. Chartier (2002) afirma que a importância do período do manuscrito e do códex e seus formatos, principalmente após o advento de Gutenberg, ainda permanecerá sustentável mesmo na era do texto eletrônico como permaneceu na era do impresso. Para Darnton (2010):

Disposta dessa forma, a velocidade das mudanças é de tirar o fôlego: da escrita ao códice foram 4300 anos; do códice aos tipos móveis, 1150 anos; dos tipos móveis à internet, 524 anos; da internet aos buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vir no futuro próximo? (p. 35)

É verdade que os leitores de manuscritos e livros impressos deixaram e deixam vestígios de suas maneiras de ler e de compreender uma obra, usando as margens dos livros, sublinhando as linhas do texto, dando sua marca pessoal, pois cada leitor é único, mas ele também segue uma estrutura social ou uma comunidade. Chartier (1998) afirma que “esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que esse leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muda é que o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é regido pelo mesmo princípio” (p. 92). Essa consideração parte da adequação dos leitores às novas práticas de leitura, seja no aspecto corporal ou aspecto intelectual, em que se têm de estudar as várias possibilidades da transmissão do escrito como é na atual conjectura, estudar as técnicas, os modos de produção, as competências e habilidades do leitor numa perspectiva única, não fragmentadas e segregadas umas das outras como se fazia na construção da história do livro a épocas atrás. Segundo Chartier (1999):

O que se deve notar, é que é difícil para os historiadores e sociólogos, é o princípio de organização da diferenciação. Não há invariância ou

estabilidade deste princípio. O que torna pensável um projeto de história da ou das leituras, que não caísse numa espécie de coleção indefinida de singularidades irreduzíveis, é a existência de técnicas ou de modelos de leitura que organizam as práticas de certas comunidades: a dos místicos, a dos mestres da escolástica da Idade Média, e de determinada classe social do século XIX, etc. (p. 92).

A análise feita por uma área de estudos voltada para organização histórica da leitura segue uma linha de pensamento que, em seu âmbito, a história do livro poderia até ser chamada de história social e cultural e tem como objetivo “compreender como as ideias foram transmitidas sob forma impressa e como a exposição à palavra impressa afetou o pensamento e a conduta da humanidade nos últimos quinhentos anos” (Darnton, 2009, p. 175).

Segundo a visão de Robert Darnton em oposição à de Roger Chartier, os novos historiadores do livro refletem sobre a relação do leitor com o livro, pois, “não se interessam por livros raros e edições de luxo; concentraram-se nos tipos mais comuns de livro, pois ansiavam revelar a experiência literária dos leitores comuns” Darnton (2009, p. 177). Contudo, Chartier (1997) afirma que ao se estudar a história do livro, há de se observar o ponto central da presente investigação, a “relação desses três conjuntos de mutação: tecnológicas, formais e culturais” (p. 35), para analisar o novo contexto que abrange a relação entre os livros e o leitor.

Um aspecto histórico-cultural da leitura, segundo Darnton (2009), demonstra que:

O debate a respeito da leitura silenciosa na Idade Média produziu evidências impressionantes sobre os hábitos de leitura; e estudos das sociedades de leitura na Alemanha, onde floresceram de forma extraordinária nos séculos XVIII e XIX, demonstraram a importância da leitura no desenvolvimento de um estilo cultural distintamente burguês (p. 201).

O surgimento do livro e da Imprensa no Ocidente com Johann Gutenberg, no século XV, marcou a relação do leitor com a leitura e a escrita. Com o uso da tipografia⁴, logo surge a figura do editor, do autor, do distribuidor

⁴ Segundo Chartier (2001), a China e a Coreia inventaram os caracteres móveis bem antes de Gutenberg. O que define a imprensa tipográfica com letras de moldes são caracteres móveis, usados principalmente às edições do imperador e dos mosteiros. Na Europa, “a tipografia, sua razão de ser, foi sempre, desde os primórdios, arte recusada pela nobreza e os potentados. O livro devia continuar como privilégio dos ricos, das dinastias e da Igreja. Pressentiam ser demasiado perigoso, porque divulgava idéias, que poderiam ameaçar seus interesses (Mello, 1979, p.135).

ou livreiro e do leitor de forma mais contundente e influente no processo de criação de uma obra. Mello (1979) ressalta que “a invenção do tipo móvel, ao criar o livro, na Europa, abriu o caminho à indústria moderna, porque o livro foi o primeiro produto industrializado, em série, pelo homem” (p. 133). Sob esse aspecto, vemos a base de produção dos livros impressos da atualidade e algumas diferenças no modo de produção dos livros digitais. Chartier (apud Furtado, 2007) aponta que “a revolução do texto eletrônico é ao mesmo tempo uma revolução da técnica de produção e de reprodução dos textos, uma revolução do suporte da escrita e uma revolução das práticas de leitura” (p. 12).

Com a expansão das casas tipográficas, viu-se a diferença no modo de produção e distribuição dos livros em relação aos modos de produção do livro antigo⁵, apesar do códex representar a base dos livros modernos. As vantagens mais significantes com a utilização dos tipos móveis fora a diminuição do custo do livro, o tempo reduzido para reprodução iniciou uma ampliação de estudos no campo da história do livro⁶ e a apropriação dos livros por leitores que não tinham acesso a esse produto cultural, mesmo não ocorrendo de forma sequencial ao aparecimento da tipografia no Ocidente, pois ainda era preciso a “tradução” para línguas ditas vulgares e a assimilação de habilidades inerentes às práticas de leitura.

O surgimento da imprensa representou transformações em vários sentidos, não apenas relacionados à leitura direta. As produções feitas a partir da tipografia podem ser vistas como as primeiras representações do conhecimento acessível a todos, levando em consideração a alfabetização. De 1442 até aos dias de hoje incontáveis publicações foram se agregando a história livresca mundial e sem dúvidas pensar nesses objetos é também levar em conta a relação com duas vertentes, compartilhamento do conhecimento e o ato da leitura (Dantas, 2011, p. 17).

⁵ Na realidade, o escrito copiado à mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX (Chartier, 1999, p. 9).

⁶ Ela surgiu da convergência de diversas disciplinas num conjunto de problemas comuns, todos relacionados ao processo de comunicação. [...] É evidente que a história da história do livro não começou ontem. Vem desde a cultura acadêmica renascentista, se não for mais antiga; e começou a sério no século XIX, quando o estudo do livro como objeto material levou à ascensão da bibliografia analítica na Inglaterra. (Darnton, 2009, p.176).

No universo do ciberespaço⁷ amplia-se o número de elementos para decifração a ser realizada numa leitura. Não que estes elementos, como imagem, por exemplo, não existissem no texto impresso, porém a transformação das técnicas na era da informação eleva quantidade de elementos produzidos para o leitor ou produzidos pelo leitor. Nesse contexto, temos o que seria a expressão da cultura no meio digital, a cibercultura, que segundo Lévy (1999) “é um conjunto de técnicas (materiais e imateriais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p. 17).

Borges (2006) diz que contrariando as muitas concepções gerais, William Gibson, que inventou o termo Ciberespaço em 1984 na sua obra *Neuromancer*⁸, descreve que “não é uma questão entre o real e o irreal – é entre o real e o real” (p. 109), onde representa um canal para comunicação entre as pessoas e um espaço digital a ser explorado. “Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual⁹ da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 95). De acordo com Castells (2007), não há como separar a realidade e a representação simbólica, pois as culturas são essencialmente formadas por meio dos processos de comunicação, e este pela produção e consumo de signos. O mesmo autor define a virtualidade real como:

um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material dos sujeitos) é inteiramente captada, totalmente imersa, numa composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não se encontram apenas no ecrã através do qual a experiência é comunicada, mas transformam-se em experiência (p. 489).

⁷ Lévy (1999) define ciberespaço como “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (p. 17). E como consequência, “Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecnoeconômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (p. 32).

⁸ “No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palcos de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e social” (Lévy, 1999, p. 94).

⁹ “É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (Lévy, 1999, p. 49).

Sendo assim, a influência do ciberespaço nas ações políticas, econômicas e culturais é imensa, nesse sentido, a manifestação e participação do leitor/navegador no ciberespaço se faz presente. A literatura comumente traz uma longa lista de benefícios ao novo modo de leitura e escrita, e eles existem, porém há também de se destacar que a hipertextualização nos dias de hoje tende a determinar a condução de uma leitura pelo leitor. O que distingue o ciberespaço como um modelo universal são os atributos da virtualidade e do ambiente desterritorializado que equivalem a “ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos” (Lévy, 2010, p. 52).

O leitor familiarizado com as ferramentas usadas no ciberespaço pode participar ativamente no processo de modificação estrutural de um texto em que possa ser estabelecida uma produção de sentido específico para esse leitor.

1.2 Leitura digital – Nova realidade para o leitor?

O leitor¹⁰ realmente encontra-se em uma nova realidade frente às práticas de leitura¹¹? A literatura sobre a história da leitura e do livro demonstra que algumas práticas de hoje podem ser comparadas as práticas de leitura advindas em séculos passados. Por meio de uma breve análise, percebeu-se que o interessante nesta reflexão é delimitar o que se comemora exageradamente como o “novo” sendo que modelos já adquiridos pelos leitores em tempos passados podem contextualizar melhor o que se vê na leitura e na escrita na era digital.

Este subcapítulo serve como base introdutória para mostrar algumas questões inerentes ao leitor atual, assim como dos leitores passados. A partir

¹⁰ Aquele que lê. Ledor. Utilizador de uma biblioteca, arquivo, serviço de documentação, etc.. Receptor. Destinatário. (Faria, 2008, p. 713).

¹¹ Acto ou feito de ler ou decifrar um texto escrito. Aquilo que se lê. Lição. Designação antiga do corpo 12. Segundo Roland Barthes é uma operação que remete “para um conjunto de práticas” históricas, cultural e socialmente codificadas, que visam a apropriação da textualidade encerrada nos suportes que a mediatizam [...]. (Faria, 2008, p. 715).

do subcapítulo 1.4 – Tecnologias, Sociedade e Leitura Social, a presente investigação indicará qual o impacto dos modernos e diversos apetrechos digitais sobre o leitor e como já se faz uso desses novos suportes introduzidos em seu cotidiano por meio das TIC.

Um dos pontos essenciais nessa análise aponta para a questão acerca da imaterialidade do suporte de leitura no meio digital. Chartier (2001) amplia a discussão afirmando que “implica reconhecer o vínculo essencial entre o texto em sua materialidade, que suporta os textos, e as práticas de apropriação que são as leituras” (p. 29). Certamente, a leitura no ambiente digital nos remete a interagir com novos suportes de leitura, como, por exemplo, *tablets*, *smartphones*, *e-readers*, etc., e a adquirir novas habilidades para nos apossar do conteúdo textual.

Com a disseminação do livro impresso, devido à invenção dos tipos móveis, o prestígio alcançado pelos “novos leitores” os eleva a um nível acima da “ignorância”. Hoje, esse prestígio associado à adequação a nova competência digital abre novos horizontes e possibilidades ao leitor. Do mesmo modo, Chartier (1999) afirma que, o texto eletrônico confere ao leitor um maior distanciamento físico em relação ao suporte textual eletrônico do qual venha a utilizar. Marca assim, o início de um movimento que separa o texto do corpo, pois, os suportes anteriores ao texto eletrônico dependiam e dependem do manuseio com outras partes do corpo para o uso de técnicas pessoais através de marcas deixadas no texto como anotações, por exemplo, seja no papiro, pergaminho ou papel, utilizado para escrita e/ou leitura.

Interessante perceber como a questão da materialidade do objeto a ser utilizado para fins de leitura e/ou escrita é bastante explorada na literatura acerca das práticas de leitura no mundo digital, pois ao tratar das habilidades nesse contexto, indica-se que para apropriação do texto eletrônico é importante reconhecer a necessidade do leitor em perceber o texto em sua totalidade.

Ainda não sabemos, contudo, muito bem como essa nova modalidade de leitura transforma a relação dos leitores com o escrito. Sabemos que a leitura em rolo na Antiguidade era uma leitura contínua, que mobilizava o

corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade (Chartier, 2002, p. 30).

Outro ponto emana por um fator muito importante no percurso da história da leitura, a liberdade do leitor¹². Darnton (2009) afirma que “terá de levar em conta as maneiras usadas pelos textos para limitar os leitores, bem como as formas de os leitores tomarem liberdade com os textos” (p. 201). Mas a liberdade leitora não é relativa, pois elementos que estão diretamente encadeados no processo do ato de ler, como os hábitos, as práticas, as capacidades delimitam tal liberdade. “Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras extintas” (Chartier, 1997, p. 77).

De fato, com a chegada do livro eletrônico, inauguram-se novos papéis aos agentes responsáveis pela produção e disseminação do livro no mercado editorial e novas relações do leitor com o livro, já que, o livro eletrônico, por natureza, representa um novo comportamento cultural baseado no compartilhamento de informações fomentado pela Web 2.0.

[...] una nueva cultura resultante de una economía del intercambio, colaboración, de la reputación, de la interactividad y de la integración, y en el que se ha producido la fractura digital con un nuevo concepto de lector cada vez más acostumbrado al uso de la lectura electrónica (Alonso-Arévalo & Córdón-García, 2014, p. 3).

Há quase seis décadas atrás, C. S. Lewis em sua obra intitulada “A arte de ler” descreve o que seria uma definição de um bom leitor e um mau leitor. O bom leitor lê uma obra pelo menos duas vezes, busca um tempo livre e em silêncio para se dedicar à leitura com total atenção. Apesar de alguns “letrados” apenas desejarem uma boa posição social através da leitura, e esta acabava se tornando apenas um instrumento de trabalho, como no caso de críticos literários e revisores de livros. Os maus leitores seriam aqueles que

¹² A história das práticas de leitura, a partir do século XVIII, é também uma história da liberdade na leitura. É no século XVIII que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor andando, que lê na cama, enquanto, ao menos na iconografia conhecida, os leitores anteriores ao século XVIII liam no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis (Chartier, 1997, p. 78-79).

dispensavam pouca importância a leitura, a abandonavam logo que outro passatempo lhes desse refúgio e acreditavam que uma única leitura da obra seria o suficiente.

Fazendo um paralelo com o leitor na atualidade, muitas vezes avaliado por fazer leituras rápidas e fragmentadas, em razão de a cada dia ser exposto a uma grande quantidade de textos eletrônicos e também impressos, seria possível concluir que os leitores nos dias atuais leem mal. Passou-se o tempo em que o “leitor ideal” seria aquele que possuísse competência apenas para seguir os protocolos e padrões de leitura inerentes ao texto, a fim de dar um sentido preciso ao que o autor pretendeu determinar ao submeter seu conteúdo textual. Nesta análise, portanto, poderá ser observado que tais juízos não se adequam à realidade de hoje, pois as práticas de leitura são ajustadas de acordo com seu contexto histórico e as mudanças ocorridas nas técnicas da escrita e leitura vigentes.

1.3 Práticas de leitura e modos de ler

Segundo o Glossário Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita)¹³, a expressão ‘práticas de leitura’ “procura designar a situação da leitura em sua concretude, englobando o conjunto de elementos que concorrem para a criação dessa situação, sempre tomada como histórica e, por isso, diversificada e mutável”. Uma linha muito tênue conceitua as expressões práticas e modos de leitura, estas se encontram em fronteiras muito próximas e pouco delimitadas pela literatura da área, o que causa certo desconforto ao interpretá-las e defini-las. Logo, a interpretação dada nesse estudo julga que a concretude das práticas de leitura se faz por meio dos modos de ler. Segundo Goulart (2011),

São modos de ler, que trazem, também, modos de conservação de um tempo de vida e de escolarização. Modos de ler que acontecem em cumplicidade: lê-se com o outro e para o outro. Uma leitura que se faz em voz alta por uma pessoa, enquanto a outra ouve: a mãe que lê para a filha na cabeceira da cama, o pai que lê com a filha, as

¹³ Cf. <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/praticas-de-leitura>.

irmãs que leem juntas, a menina que lê para os colegas, para os adultos, que hoje releem para a pesquisadora (p. 34).

As práticas de leitura se concretizam, de acordo com o contexto e intenção, através do uso da leitura literária, pictural, autobiográfica, informativa, recreativa, acadêmica, institucional, etc.; utilizadas hoje a partir de diversos suportes como: a leitura em livros impressos ou eletrônicos, periódicos impressos ou digitais, *newspappers*, *blogs*, *sites*, aplicativos, etc. “As modalidades de leitura e da escrita refletem a tecnologia de uma dada época, mas também as modalidades sócio-culturais e cognitivas que presidem à sua aceitação ou recusa” (Borges 2002, p. 108).

Portanto, os modos de leitura se manifestam pelo ato da leitura oral, da leitura silenciosa, leitura em voz alta no ambiente privado ou público, leitura da imagem, leitura erudita, leitura segmentada, leitura sequencial, etc. Dentre as práticas mais comuns está a leitura silenciosa, que segundo Borges (2002) surgiu “como o primeiro protótipo de realidade virtual pela sua capacidade de nos transportar para diferentes esferas de existência, verdadeiros simulacros do real” (p. 105).

A transição de uma leitura oralizada para a prática da leitura silenciosa e individual consolidou-se no Ocidente devido algumas mudanças ocorridas no cenário da leitura entre os séculos XVIII e principalmente o século XIX. Essas mudanças começam a ser introjetadas na sociedade devido à invenção dos tipos móveis de Gutenberg, que desencadeou a disseminação de material impresso para as várias camadas da sociedade, ou seja, o acesso ao conhecimento da humanidade saia dos recintos das famílias mais abastadas e da Igreja Católica para os lares de indivíduos que só tinham, na maioria das vezes, contato com a leitura através das pratica da leitura oral e coletiva.

Contudo, nos séculos passados, a prática da leitura oral possuiu muita importância, pois era uma forma de sociabilidade e também uma forma dos não-alfabetizados garantirem o acesso as informações. Atualmente, vê-se erroneamente a prática de leitura através da tecnologia digital como uma prática individual e introspectiva; porém, essa nova forma de leitura tem

possibilitado a interação social coletiva como nunca antes vista, que ultrapassa barreiras de espaço e tempo.

Logo, a leitura ainda corresponde a um dos meios de acesso mais utilizados para interação social e para se obter conhecimento, sendo que, suas práticas se diferenciam de acordo com contexto e intenção do leitor. Chartier (2001) sugere como método para realizar a análise das práticas de leitura uma abordagem não generalista e sim “organizar modelos de leitura que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação” (p. 33).

Apesar de o estudo não ter por objetivo abranger e analisar de forma categórica cada um dos modos ou práticas de leitura será dado um destaque aos conceitos da leitura extensiva e leitura intensiva, pois abrangem algumas das práticas e modos de leitura citados. Esses dois modos de leitura, segundo García-Marco (2016) correspondem a tipos de leitura silenciosa, que classificam como: “extensiva (por prazer ou interesses); intensiva (para compreender em profundidade um texto e avaliá-lo); rápida e superficial (para obter informação concreta do texto e para preparar a leitura intensiva; involuntária (notícias, anúncios, etc.)” (p. 274).

Diante de uma explicação breve, Burke (2003) enfatiza que a leitura extensiva seria passar o olho, folhear, consultar um texto ou livro rapidamente, por exemplo, as obras de referência; a leitura intensiva seria mais reverente e contemplativa; ao realizar esta leitura, o leitor precisaria dar maior atenção ao texto. Um exemplo da leitura intensiva seria a prática realizada com os livros de lugares-comuns, na realidade, a confecção desse livro. Porém a utilidade desses livros corresponde a uma leitura extensiva, como se verá mais adiante.

Alguns termos são frequentes na literatura provenientes desde o início dos estudos sobre a leitura e conseqüentemente a escrita. Vários termos relacionados à leitura, seja digital ou impressa, são definidos a cada dia, Porém, Chartier (1996) afirma que o estudo sobre as práticas de leitura pressupõe uma complexidade histórica devido à dificuldade tanto para de se obter vestígios, quanto para interpretá-los, pois, as fontes históricas tanto impressas como orais, ou se perderam com o tempo ou não estão

devidamente catalogadas para sua recuperação. Logo, é possível verificar, que a definição de termos ou conceituações relativas à leitura e suas práticas sociais, devido também a sua natureza não empírica, encontram-se ainda em processo de construção.

Entretanto, há termos que já possuem credibilidade científica no âmbito dos estudos sobre as práticas de leitura. Um destes termos reflete a prática da leitura fragmentada, tão comentada nos dias atuais devido ao hipertexto, na qual retrata que o que parecia ser uma prática atual pode ser descrita pela história da leitura como herança do século XII. Pode-se ter como exemplo o termo *Commonplace books* ou livros de lugares-comuns¹⁴, descrito no livro “A questão dos livros”, de Robert Darnton, que teve seu ápice no final da Renascença, mas se encontra presente em nossos dias e de fato contribui de forma bastante significativa para o presente estudo.

Diferente do termo *marginalia*¹⁵, o *Commonplace books* pode ser definido como uma prática do leitor em compilar partes de diversos tipos de leitura, feitas no cotidiano, a fim de registrar partes de livros, poemas, citações, provérbios, etc., fazendo assim uma seleção de verbetes, “a leitura como forma de entender o mundo” (Darnton, 2009, p.151). Logo, Darnton (2009) descreve que por meio dessa prática, o leitor fazia da leitura uma ação, ou seja, uma leitura aplicada à vida cotidiana,

Ao contrário dos leitores modernos, que acompanham o fluxo de uma narrativa do início ao fim (a menos que tenham “nascidos digitais” e cliquem em textos exibido por máquinas), os ingleses do início da era moderna liam de forma intermitente, pulando de um livro para outro. Dividiam os textos exibidos em fragmentos, que agrupavam em novos padrões ao transcrevê-los em seções diferentes de seus cadernos. Então reliam o que tinham

¹⁴ Segundo Burke (2003), o termo livros de lugares-comuns é devido à prática dos estudantes de “associar aquilo que quisessem memorizar com imagens vívidas e dramáticas localizadas em “lugares” imaginados como uma igreja ou teatro (p. 161). “Os lugares incluíam conceitos abstratos como comparações e oposições, que ajudavam o leitor a organizar a informação e a recuperá-la quando necessário” (p. 163).

¹⁵ Termo que designa “as coisas escritas a margem”; refere-se tanto à escrita à decoração colocada nas margens de um manuscrito; estes elementos podem fazer parte do plano inicial do trabalho, mas também podem ser secundários ou mesmo de natureza excedentária; podem incluir glosas, anotações e diagramas, e notas ou comentários que terão tido origem nos estudos escriturísticos; as marginálias puramente decorativa, com ornamentação muito desenvolvida, especialmente a do século XV, são consideradas um gênero à parte ou componentes do esquema decorativo (Faria, 2008, p. 809).

copiado e recombinaavam os padrões à medida que adicionavam mais excertos. Dessa forma, ler e escrever em atividades inseparáveis. (Darnton, 2009, p.150).

Além do uso para atividades cotidianas, os livros de lugares-comuns traziam um caráter moral que influenciou os modos de ler na Europa moderna através da leitura de clássicos como Tito Lívio, Tácito, dentre outros, a fim de assegurar modelos de bons e maus exemplos a seguir. Deste modo, o ano de 1750 sinaliza a abertura para uma leitura extensiva, que se deu pela acelerada periodização dos textos, e hoje é marcada pela presença de diversos gêneros textuais e pelo acesso a ferramentas de comunicação via Web, garantem a estabilidade da leitura extensiva.

O fenômeno da leitura extensiva em 1750 ocorria principalmente por um fator econômico, o baixo custo do papel, e pelo fato de as pessoas passarem a ter acesso a diversos materiais impressos, estendendo esse acesso ao público leitor de diferentes classes sociais. De maneira muito parecida, a entrada dos livros eletrônicos como novo modelo de negócio livreiro, também se deu através das crises orçamentárias na produção e venda dos livros impressos.

Outro aspecto que marca os modos de escrita e leitura nos constantes movimentos históricos segundo Soares (2002), refere-se às diversas relações criadas pelo “espaço de escrita” com o seu usuário, ou seja, a relação que pode ser criada com o texto através dos suportes tecnológicos de cada época, para com seu usuário, ou vice e versa. Diante os avanços tecnológicos da sua época, o leitor ou escritor percebe-se condicionado ao espaço na escrita ao procurar criar uma afinidade com texto. Na Antiguidade, o leitor e o escritor adaptaram-se a um espaço de escrita imposto pelo rolo de papiro e pergaminho, que delimitava a forma de conduzir a leitura e a escrita de maneira tal que tinham de manter uma sequencia linear do início ao fim. Com o códice, estes usuários, podiam usufruir de um maior controle diante ao texto, pois podiam realizar releituras, fácil localização de partes do texto e avançar na leitura. Com o computador, o espaço de leitura é a tela, ou seja, o espaço está reduzido ao texto que se encontra naquela tela, sem ter a possibilidade de visualizar o texto como um todo, mesmo com diversas “janelas” abertas lado a lado.

Chartier (2002) afirma que o texto eletrônico provocou três rupturas. A primeira foi no âmbito da ordem do discurso – essa ruptura baseia-se na perda de orientação dos leitores frente ao texto, a vista que objetos impressos (cartas, livros, etc.), categorias de textos e formas de leitura ficaram condicionados a um mesmo suporte, ou seja, os textos que antes se encontravam em suportes como revistas, cartas, livros, etc., já produzia no leitor uma linha de critérios a seguir para poder interpretá-los. No caso do computador, este não delimita os critérios a ser seguido para a leitura em tela, logo, com essa ruptura, o usuário perde as referências antes utilizadas para leitura de diversos gêneros textuais.

A segunda ruptura se dá na ordem das razões, relacionada à validação do leitor frente ao texto, no teor argumentativo ou de sua autoria. O leitor tende a construir uma ordem argumentativa linear e dedutiva, fazendo uso de técnicas ligadas a utilização de notas de rodapé, referências, etc., o que difere das características de um texto digital, que também possibilita essa atividade através das conexões hipertextuais.

A terceira ruptura ocorre na ordem das propriedades, esta, relacionada à propriedade intelectual e o *copyright*. Chartier (2002) afirma que com o texto eletrônico a segurança em relação a propriedade intelectual foi posta em dúvida, pois o texto eletrônico se caracteriza por uma escrita instável, coletiva e maleável. Portanto, essa situação gera a emergência de uma reorganização nas maneiras de se adotar direitos econômicos e morais dos autores e de outros profissionais que participam efetivamente da construção de um “material” textual.

Outro fenômeno dos tempos atuais que afeta diretamente a leitura é o excesso de informação, que pode ser fragmentado em palavras, textos, imagens, sons, etc. diluindo-se em inúmeros artefatos de comunicação. Diante disso, torna-se necessário saber identificar no ambiente digital, textos e/ou informações de qualidade diante de tantas opções textuais, essa prática demanda tempo, seleção e análise. Sendo assim, Fischer (2006) afirma que a sociedade preza e acredita ser importante que haja um zelo perante os textos

disseminados, portanto o autor aponta que a necessidade do leitor seria defendida diante da denomina “leitura cultural” e a define como:

Igualitária e íntegra, mais do que poderíamos em geral imaginar, requerendo alguma espécie de natureza superior do homem e da mulher como seres sociais. Buscamos qualidade, não tolices. A maioria dos leitores prefere ler aquilo que consideram o melhor, para diversão, informação ou algum estudo especializado (p. 289).

1.4 Tecnologia, Sociedade e a Leitura Social

O ato de ler está atualmente inserido numa sociedade denominada pelo sociólogo espanhol Manuel Castells como Sociedade em Rede e por este fato as práticas de leitura foram em parte reinventadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação. Esses novos suportes de mediação entre o livro e o leitor têm significativa participação nas práticas e modos de leitura, mudando a forma como o leitor interage com um texto e as formas de acessá-lo e compreendê-lo. Esse novo paradigma, pós Revolução Industrial, movimentou vários segmentos da sociedade como a produção industrial, a economia e o social, logo, influenciou elementos da sociedade como a educação, a saúde, outros meios profissionais, o meio ambiente, a biotecnologia, etc.

Este conjunto de alterações traduz-se, entre outros, pela emergência de uma sociedade onde a aprendizagem ao longo da vida e a necessidade de mudar de trabalho e competências são aceites pelas pessoas, o que requer não só o treino de capacidades e hábitos mas, e sobretudo, uma atitude social positiva face à mudança (Borges, 2006, p.18).

Todo novo modelo tecnológico exercido na sociedade traz consigo conteúdos estruturais de técnicas passadas. O que os faz diferentes e originais num determinado momento histórico é a inserção da nova tecnologia em diversas esferas da sociedade, sem desvalorizar atributos de tecnologia passadas. Desta forma, Castells (2007) atribui como bases à Tecnologia da Informação quatro aspectos essenciais em sua estrutura, são eles: (1) A informação como sua matéria-prima; (2) A penetração dos efeitos da nova tecnologia sobre toda atividade humana, porém, não determinístico; (3) O uso da lógi-

ca das redes, a fim de estruturar o não estruturado, mas garantida uma flexibilidade; (4) Sua capacidade de reconfiguração, fluidez e flexibilidade.

O impacto causado pelo novo modelo da cadeia produtiva do livro reflete significativamente na leitura social, assim como na redução do aspecto espaço-temporal entre o texto e o receptor, ao protagonismo do utilizador na difusão do texto escrito, e a absorção dessa habilidade na dimensão social. Diante dessa conjuntura, evidencia-se que o papel dos leitores nesse novo contexto é o de leitores contribuintes, ou seja, que compartilham e produzem a informação. Logo, o atual leitor insere-se no que Alonso-Arévalo e Córdon García (2015) denomina por leitura social, ressaltando que:

Entendemos por «lectura social» aquella que se desarrolla entornos virtuales en donde el libro y la lectura propicien la formación de una «comunidad» y alguna forma de intercambio. Por lo general se tiene como punto de encuentro una plataforma web o un software específico que organiza y proporciona a los usuarios un espacio de intercambio de información y de comunicación horizontal, donde las obras se evalúan y califican, además de compartir puntos de vista acerca de un texto, participando en grupos de discusión y/o elaborando por escrito comentarios y anotaciones sobre la obras y sus autores (p. 38).

Voltando ao século XV, com a invenção de Gutenberg, o impresso dá oportunidade da população analfabeta ou não alfabetizada de ter acesso ao escrito por diversos tipos de impressos como textos oficiais aplicados nas paredes, cartazes, catálogos de livreiros, imagens, etc. Segundo (Chartier, 2001), a cultura do impresso impregnou a totalidade das práticas culturais, incluindo as que não são de leitura, como os rituais ou as de festas (p. 35).

Uma certa democratização do acesso ao impresso, na maioria livros, começa a ter o papel da não distinção das classes sociais, o que Chartier chamou de “aculturação tipográfica”¹⁶, pois nos séculos XVI ao XVIII era comum distinguir os textos eruditos para os leitores letrados e os textos ambulantes para os leitores populares. O exemplo disso, no século XVII em Troyes – França, os Oudot assim como os Garnier criaram a Biblioteca Azul a fim de popularizar a literatura, impressos em capa azul e preços baixos, para

¹⁶ Cf. Chartier (2003, p.129). O uso do termo aculturação é atribuído a Nathan Wachtel e pode ser definido como “a imposição de um novo sistema de representações que deve anular e fazer desaparecer crenças e condutas antigas (Chartier, 2001, p. 115).

um público específico: popular e rural e dividido por gêneros que abrangiam guias de devoção e conduta, a Santa Escritura, literatura romanesca e cômica, reedições de textos eruditos para uma fácil leitura, dentre outros. Ao ocorrer à popularização e ruralização desse estilo editorial, a distribuição era feita por livreiros nas cidades e por comerciantes menos reconhecidos. Ler, já era, enfim, um grande negócio. Segundo Tfouni (apud Soares, 2002, 145), “as mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada”.

Soares (2002) afirma que as transformações nos processos cognitivos, discursivos e estruturais do texto, ou nas formas tradicionais de recepção e interiorização por parte dos leitores, como, por exemplo, a passagem da oralidade para a cultura da escrita esclarece o movimento de transição da cultura impressa para a digital e o papel do indivíduo na cibercultura. Certo que os novos instrumentos tecnológicos exercem modificações significativas no exercício da leitura e escrita, o estado ou condição, bases do conceito de letramento explicam como interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, assim como modos anteriores de se fazer uso da leitura.

Na atual conjuntura, o leitor tem a possibilidade tanto de produzir seu próprio texto, como a possibilidade de intervir nos textos de outros autores, através de anotações, comentários, compartilhamentos, etc., Nessa perspectiva, o leitor deixa de ser um mero apreciador de uma obra, um leitor passivo, para pode configurar-se num leitor que participa do processo de construção de um texto ou na agregação de valor desse conteúdo perante a comunidade em rede. A figura 1 representa a participação do leitor em rede e o exemplo de aplicabilidades na leitura social.

Figura 1. Recursos sociais na plataforma de leitura de livros eletrônicos: o Kindle da Amazon



Fonte: <https://www.goodreads.com/blog/>

Através do recurso de leitura social acima, que agrega o suporte (*e-reader*) e a plataforma para leitura de livro eletrônico denominado Kindle, da empresa norte-americana Amazon, o leitor tem acesso a informações de seu interesse e também informações daqueles que compartilham da mesma plataforma social de leitura. As informações que são compartilhadas remetem a descrições do que os amigos estão lendo, as críticas positivas ou negativas feitas pelos usuários, indicações de onde encontrar bons livros que sejam compatíveis ao perfil do usuário, dentre outros recursos.

Sendo assim, o foco principal que envolve a prática da leitura social distingue-se pela participação e pelas relações estabelecidas no meio digital com o propósito do compartilhamento de ideias e busca de informação, logo que a própria tecnologia fomenta o aparecimento de novas práticas e gêneros de leitura.

El aumento de libros electrónicos ha dado un fuerte impulso a la lectura social ya que el lector puede interactuar con el texto introduciendo personalizaciones en forma de comentarios, destacados, anotaciones y subrayados, tal cual como si lo hiciera sobre el texto impreso; pero además en el formato digital no sólo puede realizar comentarios, si no que también puede leer los comentarios que hacen otros lectores que están leyendo o han leído esa misma obra. Incluso puede ver que párrafos y secciones son los más comentados de esa obra, e interactuar y recomendar a otros lectores a través de redes sociales, e incluso relacionarse con los propios autores (Alonso-Arévalo e Córdon García, 2014, p 5).

No subcapítulo 2.2 - Ferramentas para acesso e leitura de livros eletrônicos, apresentamos plataformas específicas para leitura social, a fim de descrever suas principais características e seus respectivos links de acesso.

Capítulo 2. Livros eletrônicos

*“Nada se move, exceto meus olhos e a mão
que vira ocasionalmente a página, e contudo
algo não exatamente definido pela palavra texto
desdobra-se, progride, cresce e deita raízes enquanto leio”*

(Alberto Manguel, 1999)

2.1 Contexto histórico-social e definições

O modelo de sociedade atual, denominado Sociedade da Informação¹⁷, “visa definir uma sociedade emergente caracterizada pela utilização exaustiva e eficiente de três sectores importantes da economia, a computação, as comunicações e os conteúdos”. (Borges, 2002, p. 85). Manuel Castells, grande expoente na análise da atual estrutura social, a denomina Sociedade em Rede, “não apenas faz uma releitura dos acontecimentos, mas cria novas significações e inclusive uma nova denominação para a estrutura na qual nos encontramos, definida por ele como Sociedade em Rede” (Dantas 2011, p. 6).

Em consequência, Casati (2015) denomina uma nova espécie, as espécies dos “infomívaros”, estes, representam indivíduos que buscam utilizar todos os atrativos que cercam uma leitura em tela. Com isso, o leitor passa a necessitar de um sistema que o possibilite ter acesso a uma grande quantidade de informações, logo, esse leitor tende a realizar um novo modo de leitura que salta do simples ato de ler para busca de bibliografias, vídeos, áudios, imagens, ver e-mails, etc. “El ordenador nos ha liberado de las fotocopias, cosa que ha permitido dejar sitio a otros volúmenes, pero ha erosionado el tiempo de lectura de libros” (Casati, 2015, p. 17).

¹⁷ Nesse contexto, a informação tem um papel fundamental, seja num suporte impresso ou virtual. Sendo assim, Lévy (2010, p. 50) define que “A informação digital (traduzida para 0 e 1) também pode ser qualificada de virtual na medida em que é inacessível enquanto tal ao ser humano. Só podemos tomar conhecimento direto de sua *atualização* por meio de alguma forma de exibição. Os códigos de computador, ilegíveis para nós, atualizam-se em alguns lugares, agora ou mais tarde, em textos legíveis, imagens visíveis sobre tela ou papel, sons audíveis na atmosfera”.

Entretanto, em contrapartida aos defensores do uso das novas tecnologias em detrimento a qualquer outra forma de realizar uma atividade, seja profissional, acadêmica, para lazer ou rotineira, o filósofo italiano Roberto Cassati defende em seu livro “Elogio del papel: contra el colonialismo digital”, que a imposição do uso das mídias digitais não determina as práticas da sociedade. Cassati (2015) denomina essa imposição como colonialismo digital, em que:

Los colonos digitales utilizan todos los medios para introducir las nuevas tecnologías en todos los ámbitos de nuestra vida, [...] Quien se opone a La colonización digital se encuentra enseguida enmarcado en la categoría de los ludistas¹⁸, de los destructores de las máquinas, de todos aquellos que no saben vivir en sua época” (p.19).

Voltando a épocas mais longínquas, nota-se que as perspectivas de hoje são parecidas com as mudanças ocorridas pós Gutenberg, pois uma característica comum aos dois suportes é a importância da representação do livro perante a sociedade, de acordo com Lisboa (1997),

[...] o livro é talhado como mercadoria, como objeto de consumo, como elemento de distinção social, como manifestação de poder, como instrumento de intervenção, como veículo de ideias, novas ou não, como recurso de administração, como resultado de trabalho artesanal, como testemunho de manuseamentos quotidianos, como materialização de uma estética [...] (p. 106).

Do mesmo modo, Chartier (1998) explica que “Há, portanto uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra” (p. 9). Deste modo, é possível perceber que a passagem do livro impresso para o livro eletrônico passa por um momento de convivência mútua entre os dois suportes, pois se sabe que a transição dos recursos tecnológicos das gerações passadas, como o livro, também demorou séculos de um instrumento tecnológico para outro. O quadro 1, representa a evolução dos suportes para registros textuais, segundo Serra (2014):

¹⁸ Ludista, termo usado durante a revolução industrial, aquele que se opõem intensamente às novas tecnologias.

Quadro 1. Datas significativas dos suportes de registros textuais

Ano	Suportes do objeto livro
4000 a.C.	<ul style="list-style-type: none">• Invenção da escrita
Século III a.C.	<ul style="list-style-type: none">• Papiro
170 a.C.	<ul style="list-style-type: none">• Pergaminho
Século III	<ul style="list-style-type: none">• Surgimento do códice
Século XIII	<ul style="list-style-type: none">• Papel
1450	<ul style="list-style-type: none">• Invenção da prensa de Gutenberg
1991	<ul style="list-style-type: none">• Internet
Década de 1960	<ul style="list-style-type: none">• Utilização do termo <i>eletronic book</i>

Fonte: Serra, 2014, p. 83.

Atualmente, após o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, as mudanças na sociedade ocorrem de forma mais acelerada, sendo possível notar as mudanças em décadas ou anos. Logo, também há de se pensar o que ocorre nas transformações na leitura, na escrita e até no modelo de negócios e de consumo que o livro eletrônico está introduzindo na sociedade. Segundo Borges (2007),

Se a cultura ocidental viveu subjugada por um certo “logocentrismo”, isto é, a sobreposição da escrita alfabética a todas as outras formas de escrita, surge agora um certo restabelecimento da escrita ideográfica baseada num suporte dinâmico e o único capaz de explorar todas as suas potencialidades (p. 124).

Por definição, o termo *E-books (Eletronic books)*, segundo Faria (2008), corresponde a “Livro em forma eletrônica. Usa-se por oposição a livro impresso” (p. 778). O mesmo verbete remete a Livro digital: “Publicação digital não periódica, isto é, completa num volume ou num número pré-determinado de volumes e que pode conter qualquer morfologia da informação” (Faria,

2008, p. 776). De fato, o termo *e-book* ainda parece indeterminado, está em processo de construção; ainda é difícil dar-lhe uma definição¹⁹.

As elaborações conceituais para o livro eletrônico emergem da história do livro impresso em conjunto com as TIC. Gardiner (2013) fornece uma visão mais completa ao afirmar que “In this context, it is less useful to consider the book as object - particularly as commercial object - than to view its cultural practice and process, with e-book as one manifestation of this practice” (p. 271). Em todo caso, em alguns dicionários da área da informação, o termo frequentemente possui uma remissiva para livro digital, e-livro ou livro eletrônico.

Segundo Garcia, Díaz & Arévalo (*apud* Dantas, 2011) “en definitiva, se trata de un archivo digital²⁰ que precisa de un elemento adicional para su visio-nado, el dispositivo lector, que debe contener un software adecuado para la lectura del documento” (p. 23-24). Há no momento uma concepção errônea propagada principalmente pela mídia em que o livro eletrônico corresponde ao aparelho de leitura (*tablets, e-readers*), sendo que o que o compõe é o que está destinado como leitura para leitor, ou seja, seu conteúdo. Logo, livro eletrônico representa duas ideias: conteúdo e suporte.

Como já pôde ser observado, discorrer sobre livros eletrônicos é também voltar a pensar nos aspectos fundamentais que distinguem um livro impresso para que se possa analisar com mais rigor a origem e os caminhos que o livro eletrônico está a percorrer. Usando também uma premissa adotada pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) de que “todo o documento digital é eletrônico, mas nem todo o documento eletrônico é digital”. De acordo com Figueira (2015), os profissionais e estudiosos diretamente envolvidos com a produção ou disseminação de livros, seja em meio físico ou eletrônico, se deem conta de que é necessário que “nomeiem e designem terminações

¹⁹ Para esta pesquisa, padronizou-se o uso do termo Livro eletrônico, com base em Serra *apud* Figueira (2015), que afirmam que “o termo livro digital, e-book do acrônimo electronic book, também pode ser chamado de livro eletrônico e que eles têm o formato eletrônico, independente se foram criados nessas condições ou foram convertidos” (p. 29).

²⁰ Segundo Lévy (1999), a codificação digital não é imaterial, porém ocupa menos espaço e pesa menos que uma informação em papel. “mais fluida, mais volátil, a gravação digital ocupa uma posição muito particular na sucessão de imagens, anterior a sua manifestação visível, não real nem imaterial, mas virtual” (p. 56).

apropriadas para cada conceito, evitando assim, ambiguidade semântica para as distintas tecnologias” (p. 28).

Para melhor compreensão acerca das tecnologias presentes em nosso dia a dia e a base para concepção dos livros eletrônicos, o Quadro 2 apresenta uma breve cronologia da evolução da era da Tecnologia da Informação e Comunicação a partir de 1945 com a “mãe de todas as tecnologias” – a Segunda Guerra Mundial, segundo o sociólogo Manuel Castells.

Quadro 2. Principais acontecimentos que marcaram a evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação

Ano	Evolução da tecnologia da informação e comunicação
1945	<ul style="list-style-type: none">• Primeiros computadores programáveis surgem na Inglaterra e EUA para fins bélicos.• O cientista norte-americano Vannevar Bush, através de seu artigo intitulado “As we may think”, propõe conceitualmente a máquina Memex, ideia precursora do hipertexto.
1946	<ul style="list-style-type: none">• Criação do ENIAC (computador e integrador numérico eletrônico), primeiro computador de uso geral. Desenvolvido pelos engenheiros Mauchly e Eckert no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussets) – EUA²¹
1947	<ul style="list-style-type: none">• Invenção do transistor (chip), pelos físicos Bardeen, Brattain e Shockley nos laboratórios Bell – EUA
1951	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento da versão comercial do ENIAC - o UNIVAC – I
1960	<ul style="list-style-type: none">• Disseminação de computadores para uso civil.
1964	<ul style="list-style-type: none">• A IBM com seu mainframe 360-370 domina a indústria de computadores²².
1965	<ul style="list-style-type: none">• Theodor Holme Nelson desenvolve o modelo de hipertexto como é utilizado nos dias atuais.
1969	<ul style="list-style-type: none">• Criação do primeiro computador em rede – ARPANET. Desenvolvido pela Agência de projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de defesa norte-americano²³

²¹ O ENIAC pesava 30 toneladas, tinha estruturas metálicas com 2,75m de altura, 70 mil resistores e 18 mil válvulas a vácuo e ocupava uma área correspondente a um ginásio. Para o mesmo fim bélico, em 1943, os britânicos já haviam desenvolvido o Colossus.

²² Este período também marca o momento do desenvolvimento dos computadores para além de ferramentas para uso bélico.

1970	<ul style="list-style-type: none"> • Disseminação das Tecnologias da Informação, após o surgimento de novos dispositivos microeletrônicos. • Invenção do mouse por Douglas Engelbart
1971	<ul style="list-style-type: none"> • O desenvolvimento do microprocessador pelo engenheiro Ted Hoff. Difusão da microeletrônica e comercialização do microprocessador (integração dos circuitos num único chip). • O programador Ray Tomlinson iniciou o uso do sinal @ para separar os nomes do usuário e da máquina no endereço de correio eletrônico²⁴.
1975	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do Altair, computador com um microprocessador, base para o Apple I e Apple II, por Ed Roberts.
1976	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do software para PC's, adaptação do BASIC, pelos estudantes Bill Gates e Paul Allen
1977	<ul style="list-style-type: none"> • A Apple lança o 1º microcomputador de sucesso comercial – Apple II, idealizado por Steve Jobs e Steve Wozniak
1978	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do <i>modem</i> para Pc's pelos estudantes Ward Christensen e Randy Sues.
1980	<ul style="list-style-type: none"> • A informática perdeu seu <i>status</i> de técnica e de setor industrial particular para fundir-se com as telecomunicações, a editoração, o cinema e a televisão²⁵. • Da denominada ARPANET-INTERNET surge a Internet. • Junção dos protocolos TCP/IP – Padrão da comunicação computacional. • Howard Rheingold cria o termo Comunidades Virtuais²⁶.
1981	<ul style="list-style-type: none"> • A IBM lança sua versão do microcomputador pessoal, o PC
1984	<ul style="list-style-type: none"> • A Apple lança o Macintosh – Tecnologia baseada em ícones e interfaces²⁷ para fácil utilização pelos usuários.

²³ Segundo Castells (2007), “A convergência de todas estas tecnologias electrónicas para o campo da comunicação interactiva conduziu à criação da Internet, talvez o meio tecnológico mais revolucionário da Era da Informação” (p. 54). E resultou a mistura da estratégia militar, da cooperação entre cúpulas científicas, da iniciativa tecnológica e da inovação contra-cultural.

²⁴ A evolução do *e-mail* marcou a comunicação pela mediação por computador.

²⁵ Cf. Lévy (2010, p. 37).

²⁶ Na sua obra pioneira *Virtual Communities*, Howard Rheingold, argumenta fortemente a favor do nascimento de uma nova forma de comunidade, levando as pessoas a unir-se, *on-line*, em torno de valores e interesses partilhados (Castells, 2007).

²⁷ Segundo Lévy (2010), Interfaces são “todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário” (p. 37).

1990	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento do <i>World Wide Web</i> (WWW²⁸) por Tim Berners-Lee e Robert Cailliau, investigadores do Centre Européen pour Recherche - CERN. Permitiu a difusão da Internet entre a sociedade em geral.²⁹
1994	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do Netscape Navigator, programa de navegação (<i>web browser</i>) da companhia Netscape, antecedido pelo Mosaic.
1995	<ul style="list-style-type: none"> • Combinação do ATM (<i>Asynchronous Transfer Mode</i>) e o TCP/IP (<i>Transmission Control Protocol / Internet Protocol</i>) – Base da Internet.

Fonte: Elaboração da autora com base em Manuel Castells (2007)

Segundo Lebert (2009), que realizou um trabalho cronológico sobre a história do e-book, “Por las mismas fechas, el internet, aún embrionario en 1971, despegua verdaderamente en 1974, tras la creación del protocolo TCP/IP (*transmission control protocol/internet protocol*). En 1983, le red está en plena expansión” (p. 6).

Atualmente, podemos citar diversas inovações e ideias que fazem parte de um eixo tecnológico voltado principalmente para disseminação de informação em vários âmbitos científicos, econômicos, governamentais, etc., em nível global. Essas novas tecnologias encontram-se numa escala que ultrapassa a fronteira dos Estados Unidos da América, país que representa até hoje um grande polo de inovações tanto no surgimento, como no desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação no mundo.

Cabe aqui, de forma breve, citarmos alguns exemplos de quais novas tecnologias da informação estão desempenhando papel fundamental para acesso e disseminação de informações:

- **Cloud Computing ou computação em nuvem** - sua principal função é o armazenamento de informações compartilhadas e

²⁸ Segundo Castells (2007), “O CERN distribuiu o software da world wide web (www) gratuitamente através da Internet e foram desenvolvidos os primeiros sites pelos principais centros de investigação em todo mundo” (p. 62).

²⁹ A equipe do CERN também desenvolve o formato para os documentos em hipertexto, o *Hipertext Markup Language* (HTML), como também o protocolo de transferência de hipertexto (*http://Hipertext Transfer Protocol*). Este último serve para conduzir a informação entre os programas de navegação (*web browsers*) e os servidores, e o formato de endereço padrão *uniform resource locator* (URL).

interligadas via Internet. O uso dessa ferramenta pode variar de acordo com a necessidade do usuário, podendo possuir três vertentes: nuvem privada, nuvem pública e nuvem híbrida.

- **Big Data** - tecnologia que capacita o armazenamento de um grande número de dados, mas sua principal função é a precisão na recuperação de dados específicos, que agreguem valor a tomada de decisões. Sua aplicabilidade abrange Governos, cientistas, empresários, profissionais de mídia e publicidade, etc.
- **Open Access ou Acesso aberto** - refere-se à abertura das publicações científicas num sistema de acesso aberto para os leitores. Os direitos de uso são, regra geral, concedidos por meio da utilização de uma licença *Creative Commons*³⁰, sendo atribuída pela autoria da publicação.

O ponto de partida da discussão sobre a origem dos *e-books* se inicia no ano de 1971. O estudante Michael Hart, da Universidade de Illinois, construiu uma transmissão criptografada por meio do código ASCII, da Declaração de Independência dos Estados Unidos e, com isso, elaborou o que se pode atribuir como o primeiro livro eletrônico. Foi nesse contexto que nasceu o Projeto Gutenberg, que tinha como objetivo disponibilizar obras gratuitamente para um grande público e que serve de modelo, tempos mais tarde, para a criação das bibliotecas digitais. Tudo isso só foi possível ser realizado com o desenvolvimento da *World Wide Web* (WWW) e dos aparelhos que dão suporte a estas tecnologias, como os *tablets*, *ipads*, *smartphones*, *e-readers*, etc.; com destaque para a contribuição inicial de Michael Hart e mais tarde com a de Steve Jobs e suas inovações.

O que de fato é perceptível é que ainda há o desconhecimento, o que gera limitações por parte da sociedade para compreender, avaliar e/ou usufruir desse novo meio de acesso a leitura, pois segundo (Alonso Arévalo & Córdon García, 2014) “Las definiciones del libro se han dividido entre aquellas que lo

³⁰ As licenças *Creative Commons* foram elaboradas por uma organização sem fins lucrativos de mesmo nome. Atualmente, há regulamente o uso de sete licenças específicas para determinar o tipo de direito que o autor determina para o uso e compartilhamento de seu trabalho, como, por exemplo, não permitir o uso comercial de seu trabalho.

consideran principalmente en su materialidad, y aquellas que lo consideran en su carácter de portador de un mensaje en una perspectiva sociológica y semiótica” (p. 2). Para ficar mais clara a posição dos livros eletrônicos na atualidade, buscamos por meio da elaboração feita por Crespo (*apud* Figueira em 2015) uma cronologia que mostre os principais acontecimentos que marcaram o surgimento dos livros eletrônicos.

Quadro 3 – Cronologia do livro eletrônico entre 1971-2010³¹

Ano	Acontecimentos importantes para a evolução dos livros digitais e eletrônicos
1971	<ul style="list-style-type: none"> • Michael Hart lidera o Projeto Gutenberg que procura digitalizar livros de domínio público para oferecê-los gratuitamente.
1993	<ul style="list-style-type: none"> • Zahur Klemath Zapata registra o primeiro programa de livros digitais. Digital Book v.1, DBF.
1993	<ul style="list-style-type: none"> • Publica-se “Do assassinato” – o primeiro livro digital. Obra considerada uma das belas artes de Thomas de Quincey³².
1995	<ul style="list-style-type: none"> • Amazon começa a vender livros através da Internet.
1996	<ul style="list-style-type: none"> • O projeto Gutenberg alcança os 1.000 livros digitalizados. A meta seria um milhão.
1998	<ul style="list-style-type: none"> • São lançados ao mercado os leitores de livros eletrônicos: Rocket ebook e Softbook.
1998-1999	<ul style="list-style-type: none"> • Surgem sítios na Internet que vendem livros eletrônicos, como eReader.com e eReads.com.
2002	<ul style="list-style-type: none"> • As editoras Random House e HaperCollins comçam a vender versões eletrônicas dos seus títulos na Internet.
2005	<ul style="list-style-type: none"> • Amazon compra Mobipocket na sua estratégia sobre o livro eletrônico.
2006	<ul style="list-style-type: none"> • Acordo de livros entre Google e a Biblioteca Nacional do Brasil.
2006	<ul style="list-style-type: none"> • Sony lança o leitor Sony <i>Reader</i> que conta a tecnologia da tinta eletrônica.

³¹ Nos capítulos subsequentes iremos descrever e analisar informações mais recentes acerca da evolução do livro eletrônico.

³² Castells (2007) atribui como o primeiro livro eletrônico a obra “Riding the bullet” do autor norte-americano Stephen King.

2007	• Amazon lança o <i>Kindle</i> .
2008	• Adobe e Sony fazem compatíveis suas tecnologias de livros eletrônicos (Leitor e DRM).
2008	• Sony lança seu PRS-505.
2009	• Barnes & Noble lança Nook.
2010	• Apple lança o <i>iPad</i> .

Fonte: Crespo (*apud* Figueira, 2015, p. 35-36).

O livro representa mais uma mídia diante de muitas outras. Segundo McLuhan (2006), a “morte” do livro se daria porque estes não conseguem projetar uma mesma velocidade eletrônica comparada a de outras mídias, a exemplo, a TV que proporcionalmente ao número de usuários tenderia a substituir a mídia cinema. McLuhan (*apud* Castells, 2007) afirma que “a TV representou o fim da Galáxia de Gutenberg, ou seja, de um sistema de comunicação essencialmente dominado pela mente tipográfica e pela ordem do alfabeto fonético” (p. 436).

Contrapondo esta ideia, Chartier (2001) afirma que a “crise do livro”³³ não tem relação com outros meios de comunicação, as mudanças decorrem da mesma forma que ocorreram em outros suportes de textos, imagens e sons. McLuhan também formulou teorias relacionadas ao homem e sua visão de mundo com sua relativa extensão tecnológica corpórea, isto significa que a máquina modifica o homem e o homem também tende a ter a influência de modificá-la.

Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou, ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central. [...] Pode muito bem dar-se que as sucessivas mecanizações dos vários órgãos físicos, desde a invenção da imprensa, se tenha constituído numa experiência social por e mais violenta e exacerbada para o sistema nervoso central (McLuhan, 2006, p. 61-62).

³³ Conceito usado por Roger Chartier para caracterizar a abundância de livros em relação ao número de leitores assim como a preocupação com a preservação do patrimônio escrito no século XIX. Ao comparar com “crise” atual, Chartier afirma ser de cunho econômico já que as dificuldades e falências dos antigos editores deram lugar as grandes editoras que hoje vivem um processo parecido e tem de adaptar aos mercados de novos suportes digitais.

Essa influência depende sobretudo da capacidade de análise de sua estrutura e conteúdos, abertura para mudanças e o mais importante, o respeito pela cultura e desenvolvimento de cada país, apesar de isso ser uma dificuldade no mundo globalizado em que o fator econômico sobressai o social. Aqui nos defrontamos uma vez mais com a função básica dos meios que armazenam e transmitem informação.

De modo mais simples: armazenar já é transmitir, pois o que já está armazenado é mais acessível do que o que ainda deve ser colhido. [...] Isto não deve causar surpresa numa cultura letrada baseada na tecnologia do alfabeto e que reduz até a palavra falada a um modo visual. Como a eletricidade criou múltiplos meios não visuais de armazenamento e recuperação da informação, deslocaram-se a base e o caráter tanto da cultura como da ciência (McLuhan, p. 182). Porém, o que determina um sistema de comunicação de fato é o processo de interpretação da mensagem por meio da interação entre o emissor e o receptor.

Logo o leitor na Web 2.0, através do texto eletrônico e seus suportes, usufrui do fato que, “a liberdade mais ampla dos gestos é ligada a democratização do acesso à representação e a uma certa interferência entre papéis que antes eram estritamente separados” (Chartier, 1998, p. 84). A defesa do uso desse novo suporte talvez seja a partir das formas como ele será utilizado, “o novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro (Chartier, 1998, p. 88). Esta é a ideia da Web 2.0, o usuário da rede tona-se ao mesmo tempo consumidor e produtor de informação. De acordo com Dantas (2011):

A Web 2.0, com a prerrogativa de que todos são capazes de produzir conhecimento e de transferi-los facilmente no WWW. Ambientes amigáveis, interativos e hipertextuais são preceitos básicos desta nova geração da Web. Nessa estrutura a teoria das redes ganha força, na qual não importa onde você esteja, ou quem você seja, os conteúdos que lhe interessam estão a sua disposição, os conteúdos que você acha interessante são facilmente compartilhados (p. 14).

Partindo para análise das principais características dos livros eletrônicos, apesar de os livros impressos e eletrônicos ainda apresentarem a mesma

estrutura (capítulos, páginas, numeração, anotações, catalogação na fonte, glossários, referências, ISBN, etc.), Gardiner (2013) apresenta certas peculiaridades presentes num livro eletrônico que o tornam único. São elas:

- Sumário: está localizado em células separadas, apesar de se poder ter uma visão global do texto.
- Páginas (tela): não precisam todas de ter o mesmo tamanho. Uma “página” pode conter apenas um parágrafo ou até mesmo um capítulo inteiro, embora isso mude de acordo com a forma de navegação pelo texto.
- Anotações: não precisam estar em notas de rodapé ou notas finais. Podem aparecer em janelas separadas, dando possibilidade para o leitor ler e realizar anotações simultaneamente.
- Referências cruzadas: um hiperlink no próprio texto remete o leitor a outros materiais de referência como: glossários, dicionários, anais, dados estatísticos, etc.
- Outras atribuições:
 - ✓ Não pesam;
 - ✓ São fáceis de guardar e transportar;
 - ✓ Possuem formatos flexíveis (cor, tamanho, fontes, etc.);
 - ✓ Possui hiperlinks para áudio, vídeo, imagens e textos;
 - ✓ Podem fornecer informações atualizadas através de pesquisa *on-line*.

Logo, o livro eletrônico é um novo suporte para escrita e leitura, que contém conteúdos que remetem a coexistência de algumas características do livro tradicional com as proporcionadas pelos meios digitais, ou seja, o livro eletrônico seria a junção do que se entende por livro, mais os componentes eletrônicos, “una especie de palimpsesto³⁴ digital” (Alonso-Arévalo & Córdon García, 2014, p. 10). Pois, de acordo com Borges (2002), “o livro eletrônico é o espelho dessa tendência, a de congregar num único objecto todos os textos

³⁴ Manuscrito em pergaminho que os copistas na Idade Média apagaram para nele escrever de novo cujos caracteres primitivos a arte moderna não conseguiu fazer reaparecer. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/palimpsesto>>.

significativos da nossa relação sujeito-mundo, uma objectivação de uma estética transportável que é também ela, o reflexo duma atividade cognitiva e afectiva” (p.135).

Do ponto de vista comercial, Lebert (2009) relata que o crescimento exponencial na utilização dos livros eletrônicos, a partir de 1998, passou de 1.000 a 10.000 obras, em 2003 de 10.000 a 20.000, e assim por diante. Porém de acordo com Gardiner (2013), foi no ano de 2013 que se estabeleceu um modelo de *ebook*, baseado na junção de três elementos: *e-books* (conteúdo), *e-readers* (dispositivos) e *readers* (público), numa escala que poderia garantir sua sustentabilidade.

Certamente a característica principal de um livro eletrônico é o uso do hiperlink (conjunto de hipertexto e hiperímia), como também a possibilidade de usar documentos com uma ampla disseminação para troca de informações, o registro de novos documentos, a participação de um ou mais sujeitos em tempo real ou não, e principalmente uma nova forma de proporcionar a produção de sentido para com o texto, já que o leitor tem a possibilidade de interferir e estabelecer seu ponto de vista em relação ao conteúdo do texto. A seguir expõe-se um breve contexto de como ocorreu a concepção dessa nova linguagem textual e de como se aplica a Hipertextualidade.

2.1.1 Hipertextualidade

No artigo intitulado “As We May Think” de Vannevar Bush em 1945, a ideia do hipertexto foi exposta para comunidade científica, mas a elaboração do termo deu-se no início dos anos sessenta, com Ted Nelson³⁵. Bush e Nelson criaram, respectivamente, os projetos Memex e Xanadu, produzindo um modelo para os projetos de hiperlinks atuais. Segundo Lévy (1993), o Memex era um dispositivo feito para “mecanizar a classificação e a seleção por associação paralelamente o princípio da indexação clássica” (p.28); já o projeto

³⁵ No ano de 1965, Ted Nelson publica um artigo dirigido à Association for Computing Machinery (ACM), no qual propõe que a ideia de hipertexto seria a utilização de “*zippered lists*” para criar elementos de texto (palavras e frases) dentro do mesmo texto e com outros diferentes” (Pérez Arraz, 2004, p. 180).

Xanadu, poderia ser utilizado “para escrever, se interconectar, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis na rede, anotar comentários, etc” (p.29). De acordo com Gygi (apud Furtado 2007):

“O hipertexto privilegia a associação em detrimento da indexação; é um formato para a representação não seqüencial de idéias; representa a abolição da abordagem tradicional, linear, da apresentação e processamento da informação; é dinâmico e não linear; e, no hipertexto, o conteúdo não está limitado nem por uma estrutura nem por uma organização” (p. 52).

Com a criação do hipertexto, os leitores ganharam um aliado na busca de informações, já que a rede está em constante atualização e o vínculo entre a indicação e a localização constitui um elemento de exploração imprescindível para intertextualidade. Borges (2002) conceitua uma espécie de “hipertexto analógico” ao afirmar que:

A perda da interactividade, decorrente da passagem da oralidade para a escrita, obrigou a que esta última passasse a ter de obedecer a modelos rígidos no sentido de assegurar a precisão na comunicação da mensagem. A deslocalização e dessincronização inerentes a este discurso de tipo linear vai conduzir à interrupção do fio condutor no sentido de precisar ou esclarecer conteúdos (como acontece, por exemplo, com as notas de rodapé), de estruturar hierarquicamente o texto elaborando um sumário, etc. Os nós informacionais presentes no hipertexto existem, já no discurso impresso (como acontece, por exemplo, com a bibliografia deste texto que aponta para uma miríade de outros) mas são resistentes a uma fácil manipulação: não é imediata a obtenção dos textos para os quais este aponta – sempre que são indicados documentos disponíveis em linha - como aconteceria num suporte eletrônico” (p. 109-110).

Para Furtado (2007), uma das características da hipertextualidade é a não linearidade. Outra característica desse modelo de “texto em rede” ou informação multimodal é a realização de uma navegação com mais rapidez e “intuitiva”, contrapondo a forma anterior de “navegação” (Levy 1999); que se baseia na busca de ferramentas usadas em bibliotecas, como por exemplo, as enciclopédias, fichários, catálogos, etc.

Contudo, a hipertextualidade corresponde a uma espécie de aprofundamento construído pelo leitor ao realizar a leitura de um texto, no qual ele pode explorar dentre diversos caminhos a serem percorridos, através de sons, imagens, referências, etc., e com uma infinidade de elos hipertextuais

(também chamados de link) atrelados a um sistema de comunicação em rede. Segundo Bolter (apud Soares 2002),

A escrita no papel, com sua exigência de uma organização hierárquica e disciplinada das idéias, contraria o fluxo natural do pensamento, que se dá por associações, em rede – segundo esse autor, é o hipertexto que veio legitimar o registro desse pensamento por associações, em rede, tornando-o possível ao escritor e ao leitor (p. 151).

Nesse contexto, a hipertextualidade é uma alternativa para que o leitor sintasse livre dos limites lançados pela linearidade e da padronização de um texto impresso que geralmente serviam para impor limites interpretativos impostos pelo autor. Atualmente, a leitura/escrita realizada no hipertexto, apoia-se na ideia de um texto em “forma híbrida que se dinamiza e flexibiliza pela e na linguagem e trava um diálogo com outras interfaces semióticas, o que origina diversificadas formas de textualidade” (Bernardes, 2003, p. 3). Os mesmo autores apresentam características que determinam a natureza de um hipertexto, são elas:

- 1) Não linearidade – sua principal característica, na qual corresponde a flexibilidade entre os nós informacionais existentes na rede e a elaboração de diversos possíveis trajetos;
- 2) Volatilidade – corresponde a falta de instabilidade e toda efemeridade das conexões que o leitor constitui;
- 3) Topografia – inexistência de hierarquia, falta de limites bem definidos, constituindo um mesmo espaço para leitura e escrita;
- 4) Fragmentaridade – ligação entre pequenos textos que possibilitam retornos ou fugas;
- 5) Acessibilidade ilimitada – possibilita o acesso a todo tipo de fonte de informação;
- 6) Multisemiose – interconecta simultaneamente aspectos verbais e não-verbais;
- 7) Iteratividade – designa natureza intertextual marcada por recursos textuais ou fragmentos em forma de notas, citações, consultas, etc.

Sendo assim, o hipertexto corresponde a base para o desenvolvimento de novas tecnologias que abrangem a escrita e a leitura.

2.2 Ferramentas para acesso e leitura de livros eletrônicos

Nessa conjuntura, tem-se então a necessidade do uso de aparelhos, softwares e aplicativos destinados à nova prática de leitura, a leitura digital. Entretanto, o objeto nesse subcapítulo não será especificar modelos de suportes para o uso dos livros eletrônicos encontrados hoje no mercado, mas, sim, mostrar uma visão geral desses suportes, *tablets*, *smartphones*, *iPads*, *e-readers*, etc. e sua inserção no mercado mundial de livros eletrônicos³⁶.

Empresas multinacionais como a Amazon, Apple, Microsoft, Google, Sony, dentre outras, já fornecem produtos para a nova geração de leitores e também aqueles já habituados com o livro impresso, adaptando recursos, como a tinta eletrônica (atualmente e-Ink)³⁷, que visam representar o valor simbólico do livro impresso, para assim facilitar sua aceitação, por meio dos aparelhos para acesso à leitura digital.

Empresas como a Apple e a Google lideram a venda de livros eletrônicos justamente por disponibilizarem *tablets*, *smartphones* e sistemas de operação iOS e Android capazes de atender a uma demanda de público que busca qualidade e conforto ao realizar uma leitura em frente à tela. Esses leitores geralmente expõem alguns fatores que contribuem para o desconforto causado ao ler um livro eletrônico, se não forem bem adaptados em seus aparelhos ou que não possibilitem ao leitor uma configuração prévia à leitura, são eles:

³⁶ O fato de não nos debruçarmos em especificações de cada tipo de suporte é porque diversos trabalhos acadêmicos que tratam de livros eletrônicos já descreverem com bastante precisão tais características. Como por exemplo: Dantas, Taísa Rodrigues (2011). *Letras electrónicas: uma reflexão sobre os livros digitais*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório Institucional da Universidade de Coimbra.

³⁷ A Tinta Electrónica pode ser considerada a tecnologia usada nos dispositivos portáteis de leitura que faz com que os mesmos se assemelhem mais aos livros impressos. Com uma nomenclatura sugestiva, a tinta electrónica trata de dar às telas dos dispositivos portáteis as mesmas sensações de uma página impressa, com um baixo consumo de energia, motivado pelo fato de que a tinta electrónica não possui iluminação própria, assim como uma folha de papel, e tão pouco causa desconforto visual em uma leitura prolongada, como é o caso de telas em LCD (Dantas, 2011, p. 28-29).

- Luminosidade;
- Cor de fundo da tela;
- Cor e tamanho da fonte;
- Brilho;
- Zoom;
- Definição de caracteres;
- Reflexo;
- Espaçamento entre palavras.

Rao (*apud* Figueira (2015)) aponta quatro aspectos importantes para entender formato e conteúdo intrínsecos ao livro eletrônico: *Conteúdo* (atribuído à propriedade intelectual); *Formato* (atribuído ao documento ou formato de arquivo); *Leitor* (atribuído ao software); *Aparelho de leitura* (atribuído ao aparelho portátil ou hardware de leitura). Segundo Chartier (1997), “há um processo de desmaterialização que cria uma categoria abstrata de valor e validade transcendentais, e que, de outro, há múltiplas experiências que são diretamente ligadas à situação do leitor e ao objeto no qual o texto é lido” (p.71). Portanto, para leitura de um livro eletrônico, seja ele produzido ou modificado para o ambiente digital, é necessário que haja a junção de três fatores: o texto estar em um formato específico, um suporte de leitura (hardware) e um software compatível. A seguir, pode-se observar os principais formatos, hardwares e softwares que possibilitam a leitura de livros eletrônicos na atualidade.

Quadro 4 – Principais formatos digitais em 2016

Posição	Formato	Características³⁸	Desenvolvedor
1º	MOBI	Formato proprietário utilizado pela Amazon em seu dispositivo de leitura Kindle.	Amazon
2º	e-Pub	Formato específico para livros eletrônicos. Possibilita a leitura em qualquer tela, sem fazer distinção às dimensões ou ao	IDPF

³⁸ Cf. Dantas, 2011, p.39,40-41.

		sistema operativo, possibilitando ao usuário um maior manuseio do arquivo, seja no sentido de escolha quanto ao dispositivo de leitura ou mesmo alterações como tamanho e tipo de fontes.	
3º	Portable Document Format (PDF)	Formato de documento de texto, imagem ou gráficos que pudesse ser reconhecido por qualquer sistema operativo, aplicativo ou hardware.	Adobe Systems

Fonte: Blog Scielo em perspectiva³⁹

Quadro 5 – Principais suportes para acesso e leitura de livros eletrônicos

Hardware
Tablets
Smartphones
Notebooks
Netbooks
Ultrabooks
e-Readers

Fonte: Procópio, 2013, p. 34.⁴⁰

Quadro 6 – Principais sistemas operacionais para livros eletrônicos

Software
iOS
Android
Windows Phone
Mozilla OS

Fonte: Procópio, 2013, p. 34.

³⁹ Conferir o site disponível em <<http://blog.scielo.org/blog/2016/06/22/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-i-a-publicacao-imprensa-e-digital-no-contexto-mundial/>>. Visualizado em 17 de outubro de 2017.

⁴⁰ Com base nos dados estatísticos da Forrester Research, Inc. Disponível em: <<http://www.forrester.com>>.

Em 1998, o SoftBook foi desenvolvido e lançado pelas empresas IDEO e Lunar Design (ambas sediadas em Palo Alto, Estados Unidos) um dos primeiros *tablet-readers* que já dispunham de tecnologia como *backlight* (luz de fundo), touch screen (display sensível ao toque) e aplicativo de livros eletrônicos em uma *eBookstore*. Nesse mesmo ano, a rede de livrarias Barnes & Noble financiou um modelo próprio, o Rocket eBooks. Atualmente há empresas que se destacam no mercado dos livros eletrônicos como a Amazon, Google e Kobo, a depender da necessidade do leitor, todas apresentam vantagens e também determinaram avanços expressivos nesse mercado.

A Kobo, por exemplo, reuni em seu *hardware, software* com DRM e conteúdo com custo acessível às editoras. Já a Google possui um dos principais sistemas operacionais do mundo, Android, presente na maioria dos *smartphones e tablets* do planeta. A Amazon desponta no que diz respeito ao acesso, consumo e leitura de eBooks, principalmente pelo desenvolvimento do *e-reader* mais popular, o Kindle, em 2007⁴¹, como também por possuir o maior site de comércio eletrônico, sendo seu principal produto o livro, seja na versão impressa ou digital.

Há também no mercado suportes específicos para leitura social, que propiciam ao leitor executar ações em conteúdo diversos, como: anotações, comentários, elaborar resenhas, consultar o que está sendo lido pelos integrantes da mesma plataforma, citações, arquivar, buscar e compartilhar livros, etc. Existe uma grande variedade de ferramentas que podem ser utilizadas em redes e plataformas de leitura social de acordo com o interesse e necessidade do leitor.

Segundo Alonso Areválo e Córdon García (2014), as plataformas digitais para a leitura social têm aumentado significativamente a possibilidade de o leitor intervir no processo de leitura, dando a ele o controle sobre sua leitura e espaço para expressar suas ideias. As mais abrangentes no momento e de cunho mais generalista são o *Facebook, Twitter*, etc., porém há aquelas de cunho mais específico. Alonso Areválo e Córdon García classificaram quatro

⁴¹ Cf. Procópio (2013, p. 30-31).

tipos de plataformas hoje no mercado de livros eletrônicos e suas principais características, conforme se pode visualizar no quadro abaixo:

Quadro 7 – Classificação de plataformas para leitura social

Classificação	Plataformas	Características	Link
PLATAFORMAS DE CONTEÚDOS REFERENCIAIS	GoodReads	Procurar livros que foram lidos, estão sendo lidos ou são esperados para ler, para adicionar as prateleiras.	www.goodreads.com
	aNobii	Os “ratos de biblioteca” são uma comunidade de leitura on-line que permite arquivar, pesquisar e compartilhar livros, bem como integrar listas do Facebook e do Twitter.	www.anobii.com
	Babelio	Em um dos mais completos sites de leitura social na cena internacional. Dirigido a leitores, autores, editores e bibliotecários, oferece um conjunto muito interessante de benefícios devido à riqueza de informações e às possibilidades de intervenção pelo leitor.	www.babelio.com
	BookPulse	Permite fornecer aos leitores uma ideia do livro através de perguntas, concursos e jogos (gamificação) em torno do enredo do trabalho, personagens e outros livros do gênero.	www.bookpulse.com

PLATAFORMAS DE CONTEÚDOS EM LINHA	Kindle Cloud Reader	A Amazon Kindle fornece um serviço de livro em nuvem de leitura social associado ao seu dispositivo Kindle que permite que você compartilhe as notas que estão incluídas no livro com outros leitores durante a leitura.	www.read.amazon.com
	Kobo Read Life	Fornece estatísticas gerais de leitura, média de livros lido, tempo total de leitura para livros, jornais e revistas, páginas lidas por hora, páginas lidas por sessão, etc. Estatísticas gerais de comentários, anotações e citações feitas em um trabalho por todos os participantes.	www.kobo.com/readin-glife
	Copia	É uma plataforma para a venda de livros e leitura social, com benefícios da integração de autores, leitores e editores. Também permite que as editoras e livrarias criem clubes de leitura on-line e promovam seus livros e autores leitores segmentados por suas afinidades e histórico de leitura.	www.thecopia.com
	Openmargin	O nome openmargin refere-se ao espaço em branco que envolve o texto. Um espaço tradicionalmente usado pelos leitores para registrar seus pensamentos pessoais e que deu origem a todo um gênero de análise no campo da	www.openmargin.com

		pesquisa cultural.	
	Readmil	A filosofia da empresa é que os leitores podem usar Readmill em qualquer dispositivo de leitura.	www.readmill.com
	FranBooks	Oferece a possibilidade de interagir através do Facebook. Ao ler o trabalho, se desejado, o dispositivo é orientado verticalmente e abre janelas paralelas ao texto, com comentários dos leitores sobre esse texto em redes sociais, com fotografias dos locais mencionados, etc.	www.frankbooks.de
	Leoteca	É uma plataforma de monitoramento para leitura sob a forma de uma rede social voltada para uso escolar e familiar.	www.leoteca.es
	Ownshelp	Os usuários, uma vez registrados, podem fazer o upload de suas coleções de e-books para a nuvem e trocá-las, total ou parcialmente, com o resto dos participantes na rede; ver as bibliotecas de amigos e selecionar qualquer livro que você queira ler de qualquer um deles.	www.ownshelf.com
	Novlet	É uma aplicação web projetada para suportar a escrita colaborativa de histórias não-	www.novlet.com

PLATAFORMAS DE RECOMENDAÇÕES SOCIAIS		lineares em qualquer idioma.	
	Wattpad	É uma comunidade dedicada à literatura social em que os próprios usuários são aqueles que contribuem com romances, poesia e outros conteúdos, é um lugar para descobrir, comentar e compartilhar histórias.	www.wattpad.com
	Figment	Figment é, acima de tudo, uma comunidade de escritores, que tem fóruns, participa em concursos e compartilha o trabalho.	www.figment.com
PLATAFORMAS DE ESCRITURA SOCIAL	BookVibe	Permite que você, através da conta do Twitter, veja os livros em que estão falando, recomendando e discutindo as pessoas que seguem. Além disso, o programa envia todas as semanas um e-mail com esses conteúdos	www.bookvibe.com

Fonte: Elaboração da autora com base em Alonso Arévalo e Córdón García (2014).

2.3 Cadeia produtiva do livro eletrônico: principais atores

Sobre esse tema, Darnton (2009, p.178) faz o seguinte questionamento: “Como poderia o historiador do livro negligenciar a história das bibliotecas, da editoração, do papel, dos tipos e da leitura?”. Nesse sentido, aborda-se nesta seção o papel de alguns segmentos que fazem parte da cadeia produtiva do livro na atual conjuntura do livro eletrônico. “O livro não reflecte apenas o conteúdo, mas constitui o resultado de múltiplos saberes em interacção que incluem os autores, os leitores, os editores, os livreiros, as bibliotecas, etc.”. (Borges, 2002, p. 114).

2.3.1 Autor

Diferente do modo atual de escrita de um autor, sentado em frente a um computador, num local reservado, na antiguidade os autores revezavam entre a leitura e a escrita, ou então ditavam aos escribas suas ideias. Borges (2002) evidencia que: “o livro é mais do que um contentor, é uma forma para a qual contribuem o autor, o editor, o tipógrafo e, por fim, o leitor nessa relação privilegiada com o “produto” final para o qual concorreram diversas competências” (p. 109). Além das mudanças em torno das técnicas de produção de um texto, nos dias de hoje, o autor tem diante de si mais duas questões pertinentes: a participação que o leitor pode desempenhar no meio da construção da escrita, com ideias e opiniões; ou até mesmo ao final da obra, em que o autor pode dialogar e rever seus conceitos diante dos comentários da sua obra.

Há também o fato de a autoridade ou *status* do autor, aspectos no passado exercidos com vaidade, serem hoje constituídos com o mesmo fervor pelo público leitor e pelo mercado editorial. Isso ocorre principalmente pelo fato de o autor ter perdido, de certa forma, a influência que exercia na organização do texto a fim de “manipular” a interpretação do texto pelo leitor. Outra razão pode dever-se ao grande número de autopublicações, ou seja, de novos autores.

Algumas práticas de leitura como, por exemplo, a leitura do texto em público, ou leitura pública, feita pelo próprio autor a uma determinada platéia, vem perdendo sua função de conferir credibilidade ao autor e de conferir sua reputação como bom leitor, o que se diagnosticava por meio de sua forma de falar, por meio dos gestos e dos efeitos produzidos em seus leitores diante do ato público. Atualmente, há de se afirmar que nesse contexto a tecnologia tem exercido um papel fundamental ao popularizar obras e autores fora do circuito dos clássicos, como também tem fomentado e proporcionado aos autores que não poderiam dispor dos serviços de uma editora para disseminação de suas ideias.

Chartier (1997) relata que o “aparecimento do autor” ocorreu durante os séculos XVII e XVIII, período no qual os escritores detinham uma originalidade, suplantada no segundo período da Idade Média pelas cópias dos clássicos ou orientação “divina”. A originalidade dos textos só retorna no século XVIII, sendo também possível os autores viverem da sua criação literária e possuírem o papel de detentor de seu trabalho, originando, assim, os direitos autorais. Como exemplo, no ambiente digital, dois aspectos no que se refere ao papel do autor são representados por duas ferramentas tecnológicas: a primeira, o software denominado *Digital Rights Management* (DRM) que, controla e protege os direitos autorais através da tecnologia baseada na criptografia. Essa ferramenta além de ter base legal, controla o número de visualizações, acessos e impressões.

A segunda é possibilitar a autopublicação de um livro, um novo caminho para autores independentes, denominados também por “*indies*”. O autor agora não depende exclusivamente de uma editora para realizar o processo de editoração e publicação de seu livro, pois há serviços disponibilizados na *Web* em que o autor possui independência em relação às práticas anteriores de publicação de uma obra, ao poder ele mesmo realizar os procedimentos devidos a publicação e disponibilização de seu livro para um maior número de leitores. Contudo, com a disponibilização de sites para autopublicação de livros abriu espaço para discussões acerca da qualidade e dos padrões adequados no que tange ao reconhecimento de uma obra editorial, como também, dificultou a coleta de dados estatísticos que forneçam informações precisas sobre a quantidade de publicações disponíveis no comércio do livreiro.

A Amazon liderou mais uma vez no mercado ao criar a ferramenta de autopublicação CreateSpace e atualmente a *Kindle Direct Publishing* (KDP). De acordo com Spinak (2016), entre 2014 e 2015 foram publicados 460 mil novos títulos, sendo destes 75% publicados através dos serviços de software on-line. Além das plataformas já citadas, destacam-se também a Smashwords e Lulu.

Quadro 8 – Plataformas para autopublicação (Self-publishing)

Plataforma	Características	Link
Kindle Direct Publishing	A mais recente plataforma para autopublicação da Amazon, o Kindle Direct Publishing, possibilita que o autor crie, gerencie, faça alterações a qualquer momento, tenha o controle de sua obra e publique tanto na forma impressa como a eletrônica.	https://kdp.amazon.com/pt_BR/
CreateSpace	Plataforma da Amazon, de 2002, onde através de seus serviços o criador de conteúdo pode produzir e distribuir sua obra, livros, Cds e DVDs com baixo custo, tendo o controle sobre seu produto.	https://www.createspace.com
Smashwords	Fundada por Mark Coker, essa é uma plataforma de distribuição de livros eletrônicos para autores e editores independentes. Os arquivos são convertidos em múltiplos formatos de e-books para leitura e em vários dispositivos, disponíveis para venda online a um preço determinado pelo autor ou editor independente.	https://www.smashwords.com
Lulu	Criada em 2002 por Bob Young, essa plataforma tem por objetivo de facilitar a criação e disponibilização de conteúdo e o consumo de livros eletrônicos, como também de materiais impressos.	https://www.lulu.com

Fonte: [Elaboração da autora.](#)

2.3.2 Editoras/Editor

Segundo Darnton (2009), “os historiadores mal começaram a explorar os documentos dos editores, embora sejam as fontes mais ricas de todas para a história do livro” (p.195). Toda essa riqueza se deve pela relação que os editores mantinham com os mais variados setores ligados a cadeia produtiva do livro. Suas relações iam do autor a publicidade, assim, o editor mantinha contato com livreiros, fornecedores, distribuidores, dentre outros.

Realmente, como podem os editores se adequar a este novo modelo de editor? Nem todos têm o mesmo desejo nem as mesmas possibilidades para desempenhar este novo papel empresarial, que é ao mesmo tempo editor de livros impressos e editor de textos eletrônicos, que atua como um *business-man* dos meios de comunicação e ao mesmo tempo como um editor tradicional que escolhe textos e autores, e que se preocupa com sua difusão (Chartier, 2001, p. 26-27).

Com o novo conceito de livro e também de leitor, o papel do editor tem sido alterado ao longo dos tempos, e assim também devido ao novo conceito de livro e leitor fez-se uma nova composição dos processos editoriais e de mercado. Atualmente, o mercado editorial disponibiliza uma gama bastante diversificada para produção e distribuição de livros eletrônicos, apesar de a existência de editoras específicas em livros eletrônicos ainda ser minoria. A grande parte se constitui pela junção de produções de livros híbridos, eletrônicos e impressos e utilizam-se, muitas vezes, de plataformas de comercialização digitais e *eBookStores* (lojas virtuais).

Alonso-Arévalo & Córdon García (2015) classificam essas mudanças no campo editorial por meio de três fenômenos: a interrupção, a desintermediação e a socialização. Com o fenômeno da interrupção abre-se espaço para quatro processos:

1) Perturbação – ocorre no momento em que a nova tecnologia (livros eletrônicos), baseada na anterior (livros impressos), é visualizada como algo sem importância, porém ganhando visibilidade ao afetar o modelo de negócios existentes;

2) Evolução – mostra que depois do choque inicial o mercado se abre para novas possibilidades de negócios, porém ainda de forma tímida, principalmente ao mostrar resistência por parte dos editores que visavam apenas adaptar conteúdo existente ao formato eletrônico;

3) Convergência – ocorre quando há o trabalho conjunto entre os agentes da nova tecnologia junto aos agentes tradicionais que possibilitam resolver necessidades do mercado atual, mas com ressalvas, pois os agentes tradicionais tendem a não projetar o futuro;

4) Reimaginação – uma tendência com as novas tecnologias é a abrangência generalizada a todos os setores da sociedade, devendo estes ser reconfigurados.

O fenômeno da desintermediação caracteriza a perda de espaço do processo já imposto pelo impresso como mediador nas fases da produção do livro (do autor ao receptor) diante as possibilidades trazidas pelo meio digital. Dentre essas mudanças está a possibilidade do autor gerenciar o processo editorial de sua obra através das plataformas de autopublicação, reconfigurando seu papel na cadeia produtiva do livro, pois, através da forma tradicional de edição, para sua obra chegar aos leitores, teria antes de passar pelo aval do editor.

O fenômeno da socialização corresponde a um novo modo de interação via *Web* que propicia a prática da leitura social. A leitura social é desenvolvida através de plataforma *Web* ou aplicativos específicos que possibilitem o intercâmbio de informações e facilidades na comunicação que abrange a participação do leitor, por exemplo, no processo de avaliação e qualificação de uma obra.

2.3.3 Canais de distribuição

Com a explosão da Internet e sua disponibilização, diversos setores comerciais sentiram o impacto poderoso dessa nova era. O mercado do livro também sofreu sérias mudanças no seu formato de produção e em relação aos profissionais envolvidos nesse novo negócio que começara tímido, mas que hoje está significativamente inserido na sociedade.

No início da comercialização dos *e-Books* parecia continuar a ocorrer o mesmo monopólio das grandes empresas do mercado livreiro do impresso, porém na Internet não cabiam monopólios empresariais, já que a ideia fundamental dessa nova tecnologia é o livre acesso à informação, disseminação e maior diversidade de participantes possíveis. Nos tempos de hoje, o livro já nasce digital, seus criadores utilizam meios digitais para seu registro, e esses são disseminados simultaneamente por meio de *tablets*,

smartphones, desktops, e-readers, dentre outros. Uma pequena empresa do ramo editorial dos *e-Books*, as *startups*, desenvolve seus produtos com a participação de colaboradores externos, revisores, diagramadores, *designers*, etc., em regime de *freelancer*⁴². Segundo Serra (2014):

Os canais de distribuição são ágeis, não dependentes de cadeias de distribuição ou limitações espaciais ou geográficas, alterando a informação no contexto social em diferentes escalas, de acordo com a natureza constituída na documentação circulante (p. 77).

Cada leitor possui uma singularidade e isso não perde seu valor diante as novas tecnologias, ao contrário, reforçou a personalização dos serviços e recursos em rede. Logo é necessário considerar que a intermediação dos livros que vai do autor até o leitor é um processo de comunicação social, e mesmo com o novo modelo de negócios do livro eletrônico, é muito importante a participação efetiva de editores, livrarias físicas ou digitais e dos bibliotecários para elaboração de estratégias que observem as peculiaridades de cada leitor (Darnton, 2009).

Nos quadros 9 e 10, pode-se visualizar dados recentes do funcionamento do mercado global de e-books, de acordo com o informe *Global e-book: a report on market trends an developments*⁴³ de 2016, analisada por Spinak (2016):

Quadro 9 – Mercado de consumo mundial de livros eletrônicos em 2016

Posição	País
1º	Estados Unidos
2º	China
3º	Alemanha
4º	Japão
5º	Reino Unido

Fonte: Spinak, 2016⁴⁴

⁴² Cf. Procópio (2013, p. 30).

⁴³ Publicado por Rüdiger Wischenbart Content and Consulting.

⁴⁴ Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2016/06/22/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-i-a-publicacao-impressa-e-digital-no-contexto-mundial/>> Visualizado em 17 de outubro de 2017.

Quadro 10 – Produção de títulos por habitante em 2016

Posição	País
1º	Reino Unido
2º	Dinamarca
3º	Eslovênia
4º	Espanha

Fonte: Spinak, 2016

Várias mudanças no plano de negócios do mercado livreiro surgiram, por exemplo, devido ao aparecimento do *e-Book* e de outras mídias digitais como o PDF e o *audiobook*, pela possibilidade de acesso por meio do acesso aberto, compra ou assinatura, dentre outros. Isso fez com que o cenário, antes de pequenas e médias empresas, fosse ganhando ares globais pelo enorme potencial desse novo mercado, causando interesse por parte de grandes empresas ou multinacionais. Segundo Spinak (2016), a agenda digital global e a transformação da comunicação por telefonia móvel estão sendo impulsionadas pelos “*quatro cavaleiros*” formados por Amazon, Google, Apple e Facebook.

Ainda há barreiras que precisam ser estudadas a fim de propiciar a entrada do novo modelo de negócio do livro em escalas maiores para comercialização. A comercialização de e-books ainda está se desenvolvendo e seus produtores ainda avaliam a capacidade de entrada desse novo produto no cotidiano das pessoas. Empresas como a Apple, Amazon e Google e seus respectivos produtos tentam seduzir consumidores já inseridos no mundo digital e que estão imersos em mídias que possibilitam atividades cotidianas simples como ouvir música, assistir a filmes e acessar as redes sociais.

Contudo, observam-se contrastes significativos entre países desenvolvidos e ou em desenvolvimento, isso exige prudência por parte dos gestores, e um olhar para aspectos como o tamanho da população para o qual o produto ou serviço digital está destinado a fim de criar uma demanda de consumidores de mídias digitais específicas de acordo com seus perfis.

Segundo Spinak (2016), baseado no informe *Global e-book: a report on market trends an developments*, em nível global, a presença das mídias sociais

na vida das pessoas ultrapassa 31% o da população mundial. E dentre as indústrias de conteúdo⁴⁵ que mais geram faturamento anual estão em primeiro lugar a televisão e a edição de livros, em segundo.

Quadro 11 – Produtos e serviços com destaque em 2016

Empresa	Produtos e serviços
Amazon	Serviço de edição aos autores para autopublicação, abertura de mercado para terceiros na empresa, plataforma para leitura, dispositivo <i>Kindle Unlimited</i> disponível por assinatura mensal e acesso a mais de um milhão de títulos. Somando uma comunidade de leitores com mais de 20 milhões de assinantes.
Apple	Domina o mercado de <i>tablets</i> com mais de 40% do mercado, seguida pela Samsung, com 25% e Amazon com uma cifra modesta menor que 5%, apesar de uma mudança começar a ocorrer devido a preferência do público por <i>tablets</i> multifuncionais, levando o sistema Android a superar a Apple.
Google	A iniciativa da empresa em criar a busca de texto completo em livros digitalizados, chamada inicialmente <i>Google Book Search</i> , <i>Google Print</i> e <i>Google Library Project</i> , em conjunto chamadas agora de <i>Google Books</i> , dispunha em 2015 de mais de 25 milhões de livros.

Fonte: Spinak, 2016⁴⁶

Atualmente existem variados tipos de canais de distribuição como: editoras, plataformas digitais, livrarias online, etc., para atender a diversos segmentos d sociedade que demandam por livros eletrônicos, seja somente para leitura ou também para edição e autopublicação.

⁴⁵ De acordo com Spinak (2016), as indústrias de conteúdo incluem: Cinema; Videogames; Livros eletrônicos para o consumidor; Áudio e Música; Publicação de jornais; Publicação de revistas de ciência; Publicação de revistas para o consumidor; Publicações educativas; Publicidade pela Internet; Televisão; Vídeos de entretenimento para o lar; etc.

⁴⁶ Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2016/06/22/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-i-a-publicacao-imprensa-e-digital-no-contexto-mundial/>> Visualizado em 17 de outubro de 2017.

Capítulo 3. Da literacia às multiliteracias

3.1 Leitura analógica *versus* leitura digital

As mais variadas diferenças entre a leitura analógica e a leitura digital remetem a fatores como: sua forma de utilização, sua estética, a preservação da informação, a organização textual e a participação do leitor. De acordo com a *Enciclopédia Britânica*, o livro impresso é definido como um instrumento de comunicação que transmite uma mensagem escrita ou impressa, com número de páginas definido, destinado ao uso público e registrado em material durável o suficiente para uma fácil transferência de informação⁴⁷ (Nedeljkov, 2016, tradução nossa). Em sua essência o livro eletrônico mantém a mesma função do livro impresso, o que abrange seu referencial estético e conceitual, porém a forma de interagir com ele muda de acordo com os suportes e plataformas que dão acesso a seu conteúdo.

No âmbito da formatação, Chartier (1999) recorda os diversos formatos que já existiram e que deram origem às formas de suportes de leitura hoje utilizadas, o autor faz um percurso histórico por meio dos grandes manuscritos in-fólio de natureza escolástica (livros para estudo e do saber), passando pelos formatos médios da época humanista, usados para as cópias dos grandes clássicos, como também pelos livros de bolso, até chegar aos de natureza impressa, os tipos móveis de Gutenberg.

No entanto, o mundo da escrita e da leitura encontra-se hoje entre o impresso e o eletrônico. Diversos autores abordam os diferentes aspectos entre os dois modos de leitura. Segundo Furtado (2007), o texto analógico possui “Fixidez, linearidade, sequencialidade, autoridade ou finitude” (p. 18), já Manguel (apud Cordón-García, 2015, p. 140) descreve a leitura analógica como “lenta, profunda, individual, exige reflexión”. Entretanto, de acordo com Chartier (apud Cordón-García, 2015, p. 139), a leitura digital é uma “Leitura fragmentada, menos linear, menos profunda, porém mais extensiva; leitura

⁴⁷ Cf. <<https://www.britannica.com/topic/book-publication>>. Visualizado em 5 de abril de 2017.

social, comentada, compartilhada nas redes sociais e com a participação do leitor”.

Atualmente os livros estão presentes tanto no formato impresso, quanto no formato eletrônico. Contudo, a dimensão do uso de um ou outro ainda não está bem definida, isto geralmente depende de alguns aspectos ao nível global, econômico, político, de acessibilidade, de competência digital; como também aspectos peculiares a cada indivíduo, a saber: interesses educacionais, interesses profissionais, lazer, etc. De acordo com as características “físicas” do livro eletrônico já apresentadas nesta pesquisa, são apresentadas no Quadro 12 as vantagens e desvantagens da leitura em livros eletrônicos, segundo Nedeljkov (2016).

Quadro 12 – Vantagens e desvantagens da leitura em livros eletrônicos segundo Nedeljkov (2016)

Vantagens	Desvantagens
Acessibilidade 24 horas por dia	Desconforto ao realizar a leitura durante um longo período de tempo
Download online imediato	Falta de concentração na leitura devido a inúmeros atrativos em tela
Leitores lendo o mesmo livro simultaneamente	Possível retirada de livros das prateleiras das plataformas de leitura
Não necessita da presença física do leitor em uma biblioteca	Falta de padronização dos formatos em <i>e-readers</i>
A leitura não precisa ser feita em um único local	A aparência e a finalidade do uso influenciam no processo de leitura de livros eletrônicos
Os dispositivos de leitura (ex. <i>e-readers</i>) podem armazenar uma grande quantidade de livros	
Tamanho e fontes de letras adaptada de acordo com o gosto de cada leitor	
Ligações de uma página web a outra através dos hiperlinks	
Marcações pessoais como sublinhar e anotações	
Livros podem ser copiados e transferidos de um dispositivo a outro	

Também é muito comum estabelecer-se como vantagem de se usar o livro eletrônico o quesito peso. Muitos leitores, em especial estudantes que geralmente carregam mais do que um livro diariamente, queixam-se do peso ao serem transportados. O livro eletrônico seria uma saída nesse sentido, no que tange à possibilidade de acessar e transportar vários livros sem a demanda do peso; porém, umas das suas desvantagens é que o livro eletrônico muitas vezes é produzido para ser lido como um texto linear, assim como o impresso, e desta forma os outros recursos em meio digital não são utilizados, o que depende muito da plataforma de leitura ou do suporte escolhido para realizar a leitura.

A abordagem sobre a preferência ou escolha de suportes de leitura geralmente é restritiva no sentido da exclusão do antigo hábito de leitura pelo mais atual, gerando uma visão ainda superficial sobre o futuro de tais mudanças, o que pode ser feito é observar o que pode ser uma questão de opção e não de exclusão. Segundo Borges (2002),

a questão não pode ser a pura dicotomia “impresso *versus* digital”. Aliás, a experiência tem mostrado que a vinda de outro meio não exclui necessariamente os anteriores: alteram-se os processos, mas não desaparecem simplesmente, cada um encontra o seu nicho de exploração (p. 132).

Myrberg & Wiberg (2015) afirmam que o temor diante do aparecimento de novas tecnologias na sociedade e a preocupação com mudanças causadas por estas sempre ocorreram. Porém, a reflexão nesse sentido abrange o que de fato é real ou apenas imaginário. As autoras se utilizam de estudos realizados nos anos de 2012, 2013 com estudantes universitários, na busca de embasamento científico perante as diferenças no uso de textos impressos e textos eletrônicos, no âmbito de suas preferências, aprendizagem e na produção de sentido com a leitura explorada.

Diante disso, as autoras relatam que em 2012, os pesquisadores Ackerman e Lauterman⁴⁸ mensuraram através das preferências de leitura em tela ou papel de cada estudante, suas habilidades de leitura diante testes, em ambos os formatos, em diferentes condições; sob pressão relativa ao tempo, tempo livre e interrupção da leitura depois de um determinado tempo. O resultado desse primeiro experimento no aspecto relativo a interrupção da leitura demonstrou que os estudantes que tendem a preferir a mídia papel adequaram-se bem aos testes e tiveram melhores resultados, isso devido à leitura em papel dar a possibilidade de concentração e foco. O mesmo experimento foi repetido dois anos mais tarde e demonstrou que os estudantes que preferem a mídia digital já tiveram resultados similares aos que leram na mídia papel.

Já o estudo realizado em 2013 pôde demonstrar algumas razões pelas quais os estudantes que leem no papel tiveram melhor êxito nos testes. De acordo com Kretzschmar et al. (2013)⁴⁹, ao aplicarem um teste de compreensão de texto com graduandos, divididos em dois grupos, também por meio da leitura de textos impressos e eletrônicos, constatou-se que os estudantes que fizeram a leitura em papel tiveram um melhor rendimento. Isso está relacionado principalmente com o uso da memória, pois os participantes ressaltam que conseguem memorizar melhor o que foi lido através dos textos em papel, pelo fato de o papel ter referências espaços-temporais que permitem o leitor tocar e passar as páginas do papel, enquanto que a mídia digital possui as barras de rolagem, que, segundo os participantes, dificultam lembrar o que leram.

Os mesmos pesquisadores compararam o esforço realizado no ato de ler em diferentes tipos de mídia (papel, *e-reader* e *tablet*) e constataram que, apesar de a maioria dos participantes afirmarem ter preferência pela leitura em papel, o estudo não encontrou suporte científico suficiente que demonstrasse

⁴⁸ Cf. Ackerman, R & Lauterman, T (2012). Taking reading comprehension exams on screen or on paper? A metacognitive analysis of learning texts under time pressure, computers. *Human Behavior*, 28(5),1816–1828; DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2012.04.023>.

⁴⁹ Cf. Kretzschmar, F, Pleimling, D, Hosemann, J, Füssel, S, Bornkessel-Schlesewsky, I & Schlewsky, M, (2013). Subjective impressions do not mirror online reading effort: concurrent EEG-eyetracking evidence from the reading of books and digital media, *PLOS ONE*, 8(2), e56178; DOI: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0056178>.

que há um esforço maior ao realizar a leitura numa mídia digital. E ressalta que os participantes com idade mais avançada relatam achar menos forçoso ler em um *tablet*, em função de ele possuir ferramentas que adequem o contraste da tela com luminosidade do ambiente.

Tais estudos abordam principalmente os fatores que abrangem aspectos atribuídos ao processo de aprendizagem perante a leitura impressa e a leitura digital, mas também identificam aspectos culturais e psicológicos que ainda influenciam o processo de adaptação as novas mídias digitais. A relevância cultural é tão presente no âmbito da escrita que, segundo Myrberg & Wiberg (2015), “Most of the students said they preferred a web pager or a computer programme over books, but they still thought that the written Word was the Best way to gain knowledge” (p. 52).

Uma das principais vantagens dos livros eletrônicos é a sua portabilidade: o leitor não fica condicionado a fazer suas leituras e pesquisas apenas em um ponto fixo, apesar de que o caminho traçado numa leitura digital pode ser muitas vezes confuso e desorientado por causa da navegação entre as hiperligações. Logo, de acordo com Borges (2002), “Até agora todos os sistemas de escrita foram concebidos para um suporte estático, mas actualmente dispomos de um suporte simultaneamente cinético e interactivo com capacidades crescentes de memória e tratamento autónomo” (p. 124).

Com o advento da leitura em tela, o objeto a ser manuseado sofre uma reconfiguração. Agora o texto não mais é manuseado manualmente, mas sim através de dispositivos como o teclado, mouse, telas de computadores, *tablets*, *smartphones* e *e-readers*, ou seja, o leitor não possui o texto imediatamente nas mãos, seus gestos mudam diante do texto eletrônico, e este delimita um espaço entre ele e o leitor, criando um distanciamento físico, diferentemente do texto impresso. Logo, de acordo com Borges (2007),

da linearidade da escrita num suporte estático que comprime/encapsula o texto numa geografia determinada, passamos para a comunicação hipertextual, dinâmica e libertadora (segundo os seus mais fervorosos adeptos), aonde impera a lógica da associação, aonde as páginas se tornam iguais sem qualquer referencial. Esta capacidade que constitui o seu principal triunfo é também a sua principal fraqueza por conduzir frequentemente o leitor a desorientação (p. 111).

Chartier (1999) enfatiza que na época do surgimento dos tipos móveis de Gutenberg, padrões estéticos baseados nos suportes anteriores foram sendo modificados, e isso certamente também modificou a relação do autor com o leitor, as novas práticas do comércio livreiro e principalmente a fidelidade na produção do conteúdo do texto, já que este seria naquele momento, construído através de instrumentos móveis com interferência humana, ou seja, seria mais provável a ocorrência de erros textuais. Hoje são vistas com preocupação quais seriam as preferências do leitor, já que muitos ainda possuem a necessidade e o gosto pelo objeto físico e suas características palpáveis e visuais, diferente do objeto digital que veio para mudar toda uma padronização nos aspectos gestuais e visuais, principalmente pela sua versatilidade física e de conteúdo.

Partindo do princípio de que as mudanças na prática de leitura frente ao texto eletrônico que já ocorrem ou ocorrerão num futuro próximo de forma mais consistente na sociedade, assim como os aspectos que mais agregam valor ao formato eletrônico, três aspectos destacam-se: 1) Segundo o estudo de Nielsen (*apud* Alonso-Arévalo & Córdon-García, 2014, p. 27), as pessoas levam até 20 minutos a mais para ler um livro eletrônico do que na versão impressa, e isso se deve, segundo o estudo, ao fato de que as pessoas perdem facilmente o foco e não conseguem estabelecer com o digital a mesma experiência que têm com o impresso;

2) Segundo Garland (*apud* Alonso-Arévalo & Córdon-García, 2014, p. 28) da Universidade de Leicester, Inglaterra, a falta dos traços físicos e das associações estabelecidas pelo leitor com o livro impresso afeta diretamente a retenção das informações, tendo o leitor do livro eletrônico de voltar à leitura para recuperar informações;

3) Segundo Alonso-Arévalo & Córdon-García (2014), com a falta da linearidade do texto eletrônico, perdem-se elementos que compõem uma representação mental e estrutural para construção de sentido do texto.

As modificações refletidas no livro pelo uso da tecnologia digital tende a repetir a transição já vista em outras épocas pelo fato de as técnicas sempre se modificarem com a tecnologia corrente. Ao refletir sobre essas mudanças no âmbito da leitura, autores como Chartier e Córdon-García destacam que já se passaram 500 anos da invenção de Gutenberg e apenas agora ocorrem transformações significativas e precisas, as quais necessitam, porém, de análise e reflexão. Não foram encontrados na literatura, até o momento, autores que afirmem o desaparecimento do suporte impresso, pois sua importância na história e sua adaptação às constantes mudanças nas modalidades de leitura, do modelo de negócio do livro e de suas formas físicas, fazem desse suporte ainda uma opção. Chartier (2002) apresenta uma possível resposta para o futuro dos livros, diante do grande temor e inquietação que as rupturas derivadas do meio digital fomentam na cadeia produtiva do livro, e conseqüentemente nos leitores, afirmando que

o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica (p. 107).

3.2 A multimodalidade textual⁵⁰

O texto eletrônico se constitui como uma das mudanças que ocorrem no meio tecnológico vigente. No âmbito social, o texto vai possuir diversidades linguísticas e culturais, e hoje, com o texto em formato eletrônico, tem características típicas da cultura da era digital. De acordo com Soares (2002), “o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado” (p. 154). Não é instável, pois assim como os copistas, os leitores de hoje podem interferir na estrutura do texto, deixar suas marcas pessoais e estabelecer um sentido para o texto. Também não é monumental, pois geralmente é mutável e fluído, como também, quase não possui controle, e isso influencia diretamente

⁵⁰ A abordagem desse assunto e do próximo subcapítulo nesta pesquisa tem por finalidade abranger aspectos ligados às mudanças decorrentes das novas tecnologias em referência a atividade leitora e das novas características textuais, sem o intuito de percorrer mais profundamente aspectos ligados às teorias linguísticas e semióticas.

no controle de qualidade, devido à grande liberdade na produção de textos em meio digital.

Em contrapartida, Lévy (1999) não percebe as mudanças advindas dos textos eletrônicos nessa conjectura, sendo que, para o autor, “o fato de o texto ser apresentado na tela não muda nada. Trata-se igualmente de leitura, ainda que, como vimos, com os hiperdocumentos e a interconexão geral as modalidades de leitura tendem a transformar-se” (p. 165). O autor citado possui uma perspectiva pouco partilhada entre seus pares, o que se encontra comumente na literatura é a visão das inúmeras transformações das práticas de ler e escrever no mundo atual. Alonso-Arévalo & Córdon García (2015) afirmam que alguns estudiosos

habían reflexionado sobre un fenómeno singular asociado al libro discutiendo como la percepción cultural del libro como una unidad de totalización de la producción entra en contradicción con la heterogeneidad que implica la red, en la que la textualidad, carece de toda la carga simbólica implícita en este, diluida como esta en formas cada vez más prolijas (p. 28).

Na vida contemporânea, o significado da palavra texto abrange enunciados híbridos, pois se caracteriza pela correspondência entre, por exemplo, textos orais para textos multimodais (TV, canais do YouTube, etc). Logo, a grande variedade de gêneros textuais, que abrangem material visual e escrito, mostra que, de fato, as mudanças nos processos textuais já ocorrem, e o leitor-navegador já sente tais diferenças, pois ao “alterar o suporte em que se convencionou a circulação dos gêneros pode causar reações diversas nos leitores, antes mesmo que estes interajam com o gênero em si” (Dionísio, 2005, p. 137). Surgem assim novas necessidades e novas formas de interação na sociedade que são influenciadas pelo desenvolvimento da tecnologia. Nesse contexto, o ato de ler pressupõe dois aspectos: a habilidade de apreensão do discurso contido no texto e a adaptação aos novos e diversos tipos de gêneros textuais, os chamados “gêneros digitais ou emergentes” (Brito & Sampaio, 2013, p. 297).

De acordo com Chartier (2001), a apropriação de textos corresponde, atualmente, a um deciframento discursivo, de forma abrangente e com base

no sentido da pluralidade dos usos, da multiplicidade de interpretações, da diversidade de compreensão dos textos, o que significa seguir a definição hermenêutica, mas com um conteúdo sócio-histórico particular, pois na hermenêutica trata-se de um fenômeno que é visto como universal, invariável ou abstrato (p. 116).

Revela-se, pois, importante destacar que cada gênero textual tem suas peculiaridades, ou seja, sendo um texto oral ou escrito, sua “forma” se dará de acordo com a finalidade para a qual foi estruturado a fim de atender as necessidades de comunicação no dia a dia das pessoas e o contexto em que se encontram. Por isso, existem diversos tipos de gêneros textuais e com a diversidade de textos usados no cotidiano e o aparecimento de novas mídias para adequá-las às variações na linguagem e na escrita no mundo digital, onde se vislumbra a passagem da escrita manuscrita para escrita em tela⁵¹.

Para Chartier (2002), “o texto eletrônico reintroduz na escrita alguma coisa das línguas formais que buscavam uma linguagem simbólica capaz de representar adequadamente os procedimentos do pensamento” (p. 16). O exemplo disso está na miniaturização das palavras através da redução do léxico, simplificação da gramática e uso de abreviaturas (vc = você, bj = beijo, kd = cadê, qro = quero, I ♥ you = I love you), além da utilização de símbolos, como os *emotions* para dar sentido ao discurso e representar sentimentos (☺, ☹, :@).

Há, hoje, um uso demasiado de abreviações e símbolos na escrita eletrônica, o que suscita posições menos entusiasmadas com o fenômeno textual. De acordo com Higounet (2003), as mudanças tipográficas ocorridas nos séculos clássicos pouco utilizaram dos sistemas de abreviação, mas atualmente “a renovação de seu uso que se constata hoje encontra suas razões, como outrora, no ganho de tempo e em uma certa economia, não de papel ou de espaço, mas derivada dos hábitos de preguiça mental (p. 170). Todavia, Amarilha (2010) afirma que a razão para adequação ou substituição dos modelos tipográficos, o uso de símbolos e até mesmo a codificação das palavras se devem ao ritmo acelerado que ocorre hoje nas práticas de leitura como a interatividade dos leitores, que delimitam um ritmo de leitura e

⁵¹ Esse último ponto será visto com mais propriedade nas próximas seções, ao explorar como a escrita em tela influencia comportamentos tais como: a relação corpórea do leitor diante ao texto e a criação de um texto pelo seu autor.

demandam respostas – “a prática social de ler/escrever generalizou-se e os códigos de escrita ganharam também maior complexidade e expressividade quando em convenções digitais (Amarilha, 2010, p. 4).

Contudo Fischer (2006) defende que a Linguagem Visual (LV) fornece uma grande quantidade de dados para o leitor e este não depende apenas do tipo de linguagem falada, sendo que esse novo modelo de linguagem “poderia ser compreendido como um híbrido moderno de escrita baseada no discurso, assim como a pictografia baseada no visual, a qual forma uma dimensão totalmente nova da leitura” (p. 289). Do mesmo modo, Brito & Sampaio (2013) apoiam que esse novo estilo textual é “marcado por formas híbridas de texto que misturam sons, imagens, palavras (recurso verbais e não-verbais) num mesmo espaço virtual” (p. 298).

A língua, a linguagem e a escrita são organismos em crescimento, as mudanças provêm das técnicas usadas em épocas distintas ocorridas na evolução da humanidade. Hoje o texto eletrônico está presente no cotidiano das pessoas, ele pode ter sua origem eletrônica ou ser secundário ao material impresso; contudo, segundo Marcuschi *apud* (Brito & Sampaio, 2013), “O texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual” (p. 297). Novos modos de leitura se desenvolvem rapidamente nos dias de hoje e isso corresponde também à mudança no perfil do leitor, já que este lê através de diversas linguagens como: animações, televisão, publicidade, Internet, hipertextualidade, etc. A denominação *homo zapins*, para usar a expressão de Brito & Sampaio (2013, p. 306), faz referência ao leitor-navegador, ou seja, o leitor mais participativo, que utiliza das novas tecnologias como ferramentas de leitura, adaptando-se ao caráter multimodal dos textos, o que caracteriza um forte traço de mudanças na história da leitura. Nesse sentido, observa-se um fato interessante, hoje, é comum estabelecer, às vezes até mesmo sem o indivíduo perceber, a adequação de significados verbais, ao modo que, o verbo FALAR corresponde ao verbo DIGITAR; os verbos OLHAR e VER correspondem ao verbo LER.

A recente teoria da multimodalidade, defendida pelos pesquisadores Kress e Leeuwen, se aplica a uma “co-ocorrência de diversos modos

semióticos (diria de redes de significantes) que contribuem para a construção de sentidos” (Amarilha, 2010, p. 6). Os hipertextos são, hoje, o principal exemplo da multimodalidade textual. Há, contudo, outros exemplos que expressam a função dos gêneros digitais, tais como: blog, e-mail, *twitter*, *facebook*, etc. Vários modos representam a comunicação linguística - escrita e oralidade, visual, imagem, fotografia, gestos (apontar o dedo, balançar a cabeça, etc.) -, e, com isso, a multimodalidade surge num contexto em que a linguagem digital reconfigura todas essas modalidades de linguagem e mídias em um código binário (Glossário Ceale⁵²).

Bakhtin (*apud* Bernardes, 2003) afirma que “a linguagem pode ser analisada, na sua devida complexidade, quando considerada como fenômeno sócio-ideológico e apreendida dialogicamente no fluxo da história” (p. 4). Consequentemente, as linguagens usadas no âmbito da Internet (*sítes*, *e-mail*, etc.) produzem gêneros capazes de mediar e transmitir a comunicação necessária no contexto digital. É, ainda assim, preciso apreender e interpretar esses novos gêneros em suas diversas mídias e isso caracteriza um desafio ao “novo” leitor e corresponde a novas necessidades para o letramento. Para o uso eficaz nas novas ferramentas e recursos trazidos pelas mídias eletrônicas, Brito & Sampaio (2013) afirmam que

é imprescindível que os sujeitos sócio-históricos se tornem atores competentes pragmática e tecnologicamente dentro desta nova modelagem cultural da contemporaneidade, sendo capazes de compreender e subtrair sentido dessa multiplicidade de signos semióticos dos gêneros digitais, indo além da mera transmissão de informação no momento da leitura/escrita hipertextual (p. 300).

Atualmente, os estudos sobre letramento recaem também sobre as habilidades de ler e escrever no ambiente digital. Logo, a dinamicidade, natural à língua, precisa ser ressignificada diante dos recursos multimodais e dos gêneros digitais.

⁵² Cf. <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acedido: 21 de setembro de 2017.

3.3 Letramento digital: competências para leitura digital

Com a leitura digital, alguns hábitos de leitura deverão ser revistos e adaptados pelos leitores. O uso do texto eletrônico introduz novas narrativas e gêneros no texto, aspectos aos quais se deve estar familiarizado, pois esse novo formato de registro impactou no modo como se escreve, na busca pela informação, no acesso e na assimilação da informação. Novas investigações sobre letramento ou letramentos diante do contexto das novas tecnologias são necessárias para que se possa adotar um modelo para prática do letramento digital.

Dionísio (2015) realizou uma pesquisa em que aborda alguns elementos já explorados em outras pesquisas já relatadas nessa pesquisa, onde a referida autora identificou que dentre os homens e mulheres entrevistados, entre os 18 a 69 anos de idade, exprimem sua preferência pela leitura em mídia impressa, mas, gastam bastante tempo diante a leitura de mídias sociais. O fato é uma grande parte dos leitores de hoje estava sob a o domínio das mídias impressas, logo, encontram-se numa fase de adaptação às novas mídias digitais. Outras mídias já estiveram num lugar de destaque em sua época, como por exemplo, nos anos 60, em que a mídia mais utilizada era o rádio e a dos anos 80 com a predominância da televisão.

Os anos 90 e 2000 foram marcados pela utilização dos computadores para diversos fins, e hoje os suportes desenvolvidos a partir das TIC são o principal meio para diversos modos de leitura, principalmente as feitas em redes sociais, *blogs*, plataformas de leitura, bibliotecas digitais, enciclopédias virtuais, etc.

Hoje, mais do que nunca, o esforço cognitivo e a disponibilidade de tempo associados a prática de leitura são aspectos afetados “por dos variables fundamentales: velocidad de lectura e comprensión del texto” (García-Marco, 2016, p. 274). Como dito antes, cada leitor possui uma singularidade, porém essa singularidade é desenvolvida sob os princípios da comunidade da qual este leitor pertence. Neste momento é notório que a aprendizagem através da geração anterior a dos novos leitores sofreu uma ruptura com a era do

eletrônico, e o desconforto causado pelo novo suporte, principalmente para os leitores acostumados com o impresso, vai ainda persistir, como aconteceu na mudança do rolo para códex, por algum tempo.

Chartier aborda na sua investigação uma história da leitura que corresponda às capacidades de leitura como primeiro requisito para o acesso aos textos e que na ocasião atual, ao estar defronte ao um novo suporte, necessita se distanciar dos antigos hábitos de leitura e reconhecer e habilitar-se com as novas técnicas de leitura e escrita. Lévy (1999) afirma que a primeira análise a ser feita nesse sentido é que há uma “mutação contemporânea em relação ao saber” (p. 159). Desse modo, Bresson (1996) compara o processo de aquisição de outra língua face ao processo de aquisição da prática de leitura e contata que

a aquisição de uma determinada língua implica, evidentemente, um processo de aquisição e um contato com a palavra de outro no curso dos primeiros meses de vida, mas esta forma de prática não precisa ser explicitamente organizada e socialmente dirigida. O mesmo não ocorre em relação à escrita e à leitura, que não podem ser objetos de um procedimento espontâneo de aquisição: trata-se aí, necessariamente, de práticas sociais instituídas em que o simples contato com os escritos e a observação das leituras silenciosas ou não, não são suficientes para transmitir. (p. 25-26).

Heras (*apud* Chartier, 2002, p. 31) identificou duas características essenciais para se adequar ao novo modelo textual. A primeira: “é preciso considerar que a tela não é uma página, mas sim um espaço de três dimensões”, desta maneira, o leitor tem de se adaptar a uma leitura de um mesmo texto com “páginas” subsequentes às outras; a segunda: “o espaço digital é o próprio texto, e não seu suporte, que está dobrado”, percebendo que constitutivos do texto eletrônico se baseiam na infinitude e maleabilidade. Segundo Fischer (2016), “os olhos de um aluno moderno se movimentam sobre páginas legíveis, brancas e bem impressas ou pela clara tela do computador com uma fluência ao mesmo tempo comum e extraordinária, ultrapassando até a fluência da linguagem falada” (p. 163).

Dado que o percurso realizado pelo leitor segue também o que está implicitamente imposto pelo autor, seja pelo tipo literário ou indicando uma

forma de ler seu texto impresso ou digital. O criador da obra hoje, assim como no passado, usa a tipografia e o *design* a seu favor através da escolha das formas tipográficas que remetem às ilustrações, disposição do texto, tipo de letra e caracteres, divisão por capítulos; uma estética própria para cada obra a ser lida e interpretada. Nesse sentido, é também muito importante para o leitor perceber a diferença entre os termos: *born-digital* e *made-digital*.

Segundo Nedeljkov (2016, p. 100), *born-digital* “é usado para livros feitos originalmente em formato digital, já o *made-digital* “refere-se a livros que são convertidos do formato impresso para o formato eletrônico” e que novas habilidades e competências foram sendo adquiridas ou condicionadas ao leitor, já que este faz parte do novo modelo da sociedade atual. Um exemplo dessa importância é apontado por Lemke (*apud* Dionísio, 2005), ao abordar que no âmbito escolar, o ensino, a partir do multiletramento e de gêneros multimodais, exige que:

professores e alunos estejam plenamente conscientes da existência de tais aspectos: o que eles são, para que eles são usados, que recursos empregam, como eles podem ser integrados um com o outro, como eles são tipicamente formatados, quais seus valores e limitações (p. 140).

Logo, conhecer a natureza do texto a ser lido é uma das principais habilidades no novo contexto, pois, ao identificar se o texto está sendo utilizado em suportes e formatos digitais corretos, o leitor garante que a padronização real do texto não foi corrompida devido a um possível erro no formato de leitura e pode tentar assimilar a informação de forma segura.

O leitor dispõe atualmente de ferramentas que o tiram da condição de leitor passivo, para ascender como um leitor ativo, capaz de agregar valor à informação em seu ambiente de trabalho, no cotidiano educacional e social. Para isso, faz-se necessário melhorar habilidades já conhecidas no meio impresso (fazer anotações, estabelecer conexões, usar estratégias de busca em outras páginas Web, etc.) para que haja uma maior interação com o texto, ou seja, uma maior competência para usá-lo no meio digital. Segundo Soares (2002),

indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação

ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada (p. 145-146).

De acordo com García-Marco (2016), para melhorar e atingir tal competência no meio digital, o leitor precisa se habituar a usar novos recursos e adaptar recursos já existentes no meio impresso, adotando quatro processos básicos:

1) Anotação – destacar e sublinhar partes do texto para uma futura recuperação da informação;

2) Obtenção do conteúdo – através da prática de tomar nota, como num fichamento, de forma organizada e etiquetada, a fim de serem posteriormente revisadas e extraídas do texto com facilidade;

3) Navegação – determinar textos, pesquisar, buscar outras páginas e marcá-los como ponto de referência;

4) *Design* – organização visual dos documentos, facilidade em realizar referências cruzadas, usar conteúdos em ambos os lados da tela ou de forma que facilite a visão geral, ver diferentes partes do texto em paralelo numa estrutura sequencial. Contudo, um dos grandes problemas que comprometem a produção e consumo dos livros eletrônicos é ainda não haver uma ruptura com os padrões do livro impresso. Hoje, um livro eletrônico ainda tenta imitar a sequência de texto linear como num livro impresso, e como consequência, essa nova mídia não alcança um papel único diante de outros suportes textuais. Isso ocorre devido à percepção que ainda se tem que para o uso desse novo formato de leitura, há de se comparar a uma leitura em papel, pois assim, os leitores não sentiriam tanta diferença e adotariam tal recurso facilmente. Mas diante dos estudos expostos pela literatura da área, essa estratégia não tem colaborado para uma definitiva aceitação do público leitor face ao livro eletrônico.

Esse problema tende a ser resolvido diante do grande cenário de desenvolvimento e inovações de ferramentas e recursos específicos capazes

de oferecer melhorias para o uso de livros eletrônicos. Tem-se como exemplo um dos primeiros recursos, a invenção da *e-ink* ou tinta eletrônica; presentemente, de acordo com García-Marco (2016), há o recurso chamado *LiquidText*⁵³, desenvolvido para “otorgar mayor flexibilidad al material, permitir la comparación o la síntesis en paralelo en la pantalla, y superar la naturaleza lineal del formato libro, añadiendo las funcionalidades típicas del hipertexto (p. 275). Logo, sua principal característica é a leitura em duas partes da tela, uma com o texto original e a outra uma tela vazia, na qual o leitor terá a possibilidade de maior flexibilidade e uma visão geral do texto original e das informações que ele necessita dar destaque. O conteúdo retirado do texto, que permanece em uma parte da tela, pode se tornar um único e novo documento sem que o leitor necessite fechar a tela do documento original. A Figura 2 representa um dos recursos dessa ferramenta.

Figura 2. Recursos em tela através da ferramenta LiquidText



Fonte: <http://liquidtext.net/m/>

Faz-se, assim, necessário conhecer melhor as principais variáveis no âmbito das habilidades e competências para a leitura e escrita no meio digital.

⁵³ Produto comercializado pela Apple, no intuito de oferecer aos usuários uma experiência de leitura personalizada, ideal para uma leitura abrangente, através de interações intuitivas que permitem ao usuário comparar seções, comprimir documentos, extrair partes importantes do texto, para obter uma melhor organização das ideias. Cf. <<http://liquidtext.net>>

A tecnologia atual traz consigo aspectos como velocidade e transitoriedade, o que cria a necessidade de ampliar e rever as investigações acerca de importantes conceitos como letramento, pois a leitura do “objeto” texto, na conjuntura digital, requer novas estratégias a fim de que o sujeito leitor venha ter capacidade de identificar e compreender a mensagem contida no texto.

A discussão atual acerca da aquisição das práticas sociais de leitura e escrita baseia-se no conceito de letramento e não apenas no que tange à alfabetização. Segundo Soares (2002), “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade” (p. 144). De acordo com Dionísio (2005), letramento seria a habilidade de ler e escrever, porém hoje, “uma pessoa letrada deve ser capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem” (p. 131). Por isso, com as mudanças oriundas das novas tecnologias, a autora indica que atualmente há uma variada terminologia referente a letramento: letramento científico, novo letramento, letramento visual, letramento midiático, dentre outros.

Na verdade, essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa já vem sendo reconhecida internacionalmente, para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial (Soares, 2002, p. 155-156).

É importante salientar que o conceito de letramento não faz oposição ao analfabetismo como é comumente tratado, mas trata-se do movimento imposto pelo contexto social corrente para o desenvolvimento de práticas sociais de leitura levando em consideração os usos e ferramentas necessárias para que o indivíduo faça parte do novo ambiente regido pelas TIC.

A literatura, usada nessa pesquisa, oferece um suporte maior no que abrange as perspectivas de como se atingir as competências informacionais necessárias atualmente, a partir no âmbito educacional, dando destaque ao

binômio ensino-aprendizagem/professor-aluno. Segundo Brito & Sampaio (2013), “o que antes era feito mecanicamente através de simples decodificação de signos linguísticos ou fluência na oralidade foi ressignificado pela mediação de ferramentas digitais no uso da língua, excedendo assim sua superficialidade material” (p. 294).

De acordo com Amarilha (2010), o mediador ou formador de leitores (nesse caso a autora cita o papel do professor) deve estar ciente que para desempenhar esse papel, é preciso se tornar um leitor também inserido no contexto do uso das mídias digitais, e entender que o interesse do leitor corresponde a precedente bastante importante no perfil do leitor atual. Como o ato de ler atualmente corresponde a estabelecer relações, pode-se dizer que a leitura habita os meios que transmitem “palavras, imagens e sons cada vez mais potencializados em suas capacidades de estimulação sensorial, intelectual, comunicacional” (p. 6).

Segundo Lévy (2010), o professor, seja de escolas primárias, secundárias ou de universidades, inserido no Ciberespaço, terá “sua atividade centrada no acompanhamento e na gestão de aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc.” (p. 173). Pois nos dias atuais, com a velocidade das mudanças atribuídas a formação da competência informacional, é preciso entender que as demandas de aprendizagem requerem um planejamento baseado em perfis heterogêneos, o que dificulta a prática tradicional de se padronizar abordagens válidas a todos, como os programas curriculares escolares. Encontra-se no Glossário Ceale, no verbete Multimodalidade⁵⁴, a ideia de que

os professores precisam preocupar-se, atualmente, em ensinar não só as habilidades técnicas necessárias para manusear os diferentes meios de comunicação, mas também o metaconhecimento que é necessário para compreender, de maneira integrada e significativa, as diferentes mídias e seu funcionamento. Isso já vem ocorrendo – e deverá ampliar-se cada vez mais – já a partir dos anos iniciais de escolarização.

⁵⁴ Cf. <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/multimodalidade>>. Acesso em: 21 set. 2017.

Assim, usando como base para melhor compreensão sobre os aspectos que permeiam a leitura numa concepção de aprendizagem para uso da tecnologia digital, Brita & Sampaio (2013) apresentam dois exemplos que caracterizam a leitura de um texto multimodal, a partir da análise de um blog e de um bate-papo na rede social. Por meio da leitura desses gêneros textuais, as autoras mostraram que o leitor contemporâneo deve estar apto a entender as características apresentadas no Quadro 13.

Quadro 13 Características dos gêneros textuais digitais Blog e Bate-Papo, segundo Brito & Sampaio (2013)

BLOG	BATE-PAPO
O conteúdo constitui-se por texto verbal e visual;	Apresentam código linguístico específico;
Links remetem o leitor a fontes constituídas com o mesmo conteúdo de interesse que originou a leitura;	Transmissão da oralidade à virtualidade (a fala transforma-se em sons de teclados);
Links remetem a outros gêneros digitais: enciclopédias, periódicos, entidades, etc;	Expressividade através de símbolos (<i>emotions</i>)
Links para interação com o leitor no próprio blog: informações sobre o administrador, sugestões dos próximos tópicos, compartilhamento de textos em redes sociais, etc;	Variações na formatação da fonte (caixa alta = gritar ou falar com veemência; onomatopeias (kkk/aff) = risos ou aborrecimento; representação de emoções = feliz 😊 / triste ☹

Fonte: Brito & Sampaio (2013, p. 303-304).

Como já salientado nessa pesquisa, o leitor precisa reconhecer quais as possibilidades de leitura que os diversos gêneros digitais oferecem e se adaptar a eles para que adquiram competência suficiente para agregar valor ao recurso informacional utilizado e poder atribuir sentido a sua leitura. De acordo com Chartier (2001), “A realidade é uma tela que, como o livro, contém textos. De qualquer forma, a percepção segundo a qual os textos são também imagens, no sentido de que têm uma forma específica, impôs a ideia de que a forma dos textos tem importância para seu deciframento, para sua inteligibilidade e sua compreensão” (p.145).

Eco (1996) sintetiza claramente que as novas formas de letramento, através da Internet, exigem que o leitor contemporâneo se torne hábil ao possuir um entendimento autônomo e crítico diante das novas práticas de leitura e de escrita, afirmando que “We need a new form of critical competence, an as yet unknown art of selection and decimation of information, in short, a new wisdom” (página da *Web*)⁵⁵. Logo, diante de diversas mudanças no ambiente coletivo, o conceito de letramento adquiriu um novo sentido que abrange múltiplas fontes de linguagem, o que se pode chamar de multiletramento. Segundo Rojo (apud Bezerra, 2016),

o termo multiletramentos surgiu no intuito de agregar as atuais discussões referentes às novas pedagogias do letramento que, por sua vez, se difere do conceito de letramentos por este se referir à multiplicidade e variedade de práticas centradas da nossa sociedade e aquele fazer referência tanto à multiplicidade cultural quanto a semiótica de constituição dos textos” (p. 230).

Os mesmos autores abordam que no contexto escolar a prática do multiletramento incentiva “a preparação de um aluno crítico, autônomo, sujeito de sua aprendizagem, e criador de sentido” (Bezerra, p. 230). Os alunos devem desenvolver competências de leitura diante dos textos multimodais, através de ambientes interativos que propiciem a capacidade de multiletramento.

De acordo com Castells (2007), após a invenção da imprensa escrita e do acesso mais amplo ao papel, a prática da alfabetização expande-se e impõe uma hierarquização do discurso que determinava a separação da “comunicação escrita do sistema audiovisual de símbolos e percepções, tão importantes para a plena expressão da mente humana” (p. 431). Contudo, no atual contexto, o indivíduo letrado deve receber uma educação que abranja diversas capacidades, pois segundo Lévy (1999),

o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais de telepresença, realidades

⁵⁵ Cf. Eco, Umberto (1996). *From Internet to Gutenberg*. Acesso em: <<http://www.umbertoeco.com/en/from-internet-to-gutenberg-1996.html>>

virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (p. 159)

Ao leitor contemporâneo, aplica-se a noção do leitor ativo e crítico capaz de se adaptar a diversos ambientes digitais, de modo a reconhecer os gêneros textuais e saber utilizá-los diante de sua fluência digital. Para Chartier (2001), o hábito de leitura seria uma interiorização frente à sociedade na qual o leitor está inserido “não a de uma prática, mas sim interiorização dentro do indivíduo do mundo social e de sua posição no mundo social, que se expressa por meio de suas maneiras de classificar, falar e atuar” (p. 140).

3.3.1 Nativos digitais

Outro aspecto que abrande as novas mídias digitais no processo de leitura é referente à ideia dos nativos digitais. A expressão ‘nativos digitais’ foi utilizada pela primeira vez pelo autor norte-americano Mark Prensk, em 2001, através de um artigo científico publicado na revista *On the Horizon*. Prensky possui vários trabalhos sobre aprendizagem e educação, sobretudo, a respeito dos novos desafios pedagógicos diante das TIC, logo defende sua ideia ao questionar que

“Our students today are all “native speakers” of the digital language of computers, video games and the Internet. So what does that make the rest of us? Those of us who were not born into the digital world but have, at some later point in our lives, become fascinated by and adopted many or most aspects of the new technology are, and always will be compared to them, Digital Immigrants (Prensky, 2001, p.1-2).

Cordón-García & Jarvio Fernández (2015) definem os nativos digitais como “un grupo emergente de lectores conformado por jóvenes más capaces y aptos para entender la lógica de la innovación de manera más precisa, a diferencia de la generación que le antecede” (p.141). Entretanto, os autores refletem acerca das questões linguísticas intrínsecas na realidade desses novos consumidores de informação no ambiente virtual, pois, independentemente da maneira como a leitura e a escrita se realizam, é mais importante avaliar se a “nueva generación está desarrollando nuevas funciones intelectuales, habilida-

des cognitivas, inteligencias múltiples, espacios emocionales y capacidades de volver inteligibles el presente complejo, en contraste con las generaciones anteriores (Cordón-García e Jarvio Fernández, 2015, p. 142).

O filósofo italiano Roberto Casati reflete sobre a ideia dos nativos digitais com certa preocupação, pois frequentemente ouve-se falar em uma suposta mutação antropológica que afirma que esta analogia “establecida entre el aprendizaje del lenguaje y la capacidad de manipular interfaces digitales está totalmente fuera de lugar, puesto que no se há podido demostrar que se trate de um tipo de competência equiparable a la competencia lingüística” (Casati, 2015, p. 96).

Além dos fatores cognitivos e linguísticos, as práticas de leitura e escrita realizam-se através do hábito de leitura. Autores como Nicholas Carr, Furtado e Roberto Casati divergem sobre a forma de como se estabelece esse hábito: uma prática do cotidiano, em ambiente informal ou culto, privado ou público? Carr (2010 citado por Córdon-García 2015) afirma que

“Además, enfatiza que la lectura no es una habilidad instintiva y tampoco está grabada en los genes, sino que se aprende: la forma en cómo se desarrolla através de determinados medios o tecnologías ayuda a la conformación de los circuitos neuronales (p. 142).

Pressupõe-se que os indivíduos mais adaptados à nova realidade ligada ao meio digital são as crianças, os adolescentes e os jovens-adultos. Estes são denominados como Geração Y, Geração @ ou Ser híbrido. Todas as denominações possuem características parecidas, porém, o termo Ser híbrido pode ser adotado a todos os indivíduos que tenham uma relação intrínseca com a realidade virtual.

Fazem parte da geração Y os nascidos no início da década de 80 até ao ano de 1990. A ideia geral é que esta geração dispõe de uma capacidade inerente as práticas e habilidades necessárias para participação no ambiente conectado, partindo do pressuposto de que esses indivíduos já integram uma sociedade em que as TIC se encontram em sua essência à frente de suas atividades cotidianas em meio ao ambiente digital. Esses indivíduos pertencem a uma geração marcada pelos avanços tecnológicos e pelo excesso de

informação, e segundo Serra (2014), podem ser identificados através das seguintes características:

familiaridade com a tecnologia, a rápida adaptação às mudanças, a necessidade de respostas e resultados imediatos, a preferência por valores individuais em relação aos sociais, a expectativa de um direcionamento claro por parte dos líderes, a autonomia na execução e reconhecimento pelo resultado, o gosto pelo desafio, a busca do equilíbrio entre a vida profissional e pessoal (p. 17-18).

A percepção de que a geração nascida na era eletrônica possui uma competência inerente para realizar no seu cotidiano atividades tais como: interação social, atividades laborais, atividades educacionais, etc., seja atribuído apenas pelo fato de seu desenvolvimento estar diretamente ligada a presença das TIC's, é criticada categoricamente por Casati (2015),

El savoir-faire de los supuestos nativos digitales no es una forma de inteligencia y ni siqueira de conicimiento, sino, precisamente, em el sentido limitado, de competencia – y, además, de una competencia práctica-; em el mejor de los casos um hábito (p. 101).

Os jovens da geração @ estão totalmente focados na vida digital, ocupam-se de atividades que buscam em frente às telas do computador ou através da Internet. Segundo Mello (apud Serra, 2014), essas pessoas vivem “interconectados, informados, têm um sentimento crítico elevado, são egocêntricos, precisam ser reconhecidos e procuram seus próprios momentos de fama” (p. 18).

Já o ser híbrido corresponde à junção da identidade de um mesmo indivíduo, tanto no mundo real (ID) quanto no mundo virtual (e-ID), no qual ele pratica ações mediante a utilização das TIC. Neste estágio, não seria possível diferenciar o ID e o e-ID do indivíduo em suas ações, constituindo-se, assim, uma identidade híbrida (h-ID) (Moraes, 2013). O termo ser híbrido não se aplica somente aos jovens, ele também abrange os indivíduos que apresentam as seguintes características: 1) Ausência de estranheza frente às novas tecnologias; 2) Desenvolvimento natural em meio ao contexto informacional, a saber, real/virtual; 3) Compartilhamento da mesma ontologia informacional de seu meio, agindo nele com liberdade e controle.

De acordo com Amarilha (2010), no quesito distância geracional, observa-se que “os adultos devem se adaptar aos novos veículos, às novas linguagens” enquanto os jovens “transitam com a familiaridade de quem já nasceu nesse mundo e, portanto, não precisam fazer esforço adicional de readaptação” (p. 4). Do mesmo modo, Furtado (2007) percebe a diferença de gerações ao afirmar que

Perante o desconforto dos adultos, vemos emergir uma geração formada por pessoas dotados de uma «plasticidade neural» e elasticidade cultural que, ainda que se assemelhe a uma ausência de forma, é bem mais uma abertura a formas muito diversas, uma adaptação camaleônica aos mais diferentes contextos e uma enorme facilidade para os «idiomas» do vídeo e do computador” (p. 147).

Em 2016, o professor David Nicholas, que atua há quinze anos em investigações acerca do comportamento dos usuários digitais, ministrou uma palestra na Universidade de Coimbra, intitulada “Digital consumers: information seeking, reading, trustworthiness, social mídia, openness and more...”, onde apontou alguns resultados a respeito de suas investigações feitas através dos registros de pesquisas dos usuários, coletando evidências sobre preferências e costumes dentro de plataformas e bibliotecas digitais. Nicholas afirma que, com o digital, as pessoas sofreram influências comportamentais e físicas, sendo que os chamados *Born Digital* apresentam aspectos, comportamentos peculiares da sua geração, tais como:

- 1) Preferência por informações rápidas;
- 2) São pesquisadores mais rápidos que os adultos;
- 3) Devido ao ritmo acelerado e de leitura rápida, mostram-se menos confiantes diante suas pesquisas;
- 4) É a geração do cortar e colar;
- 5) Têm acesso a uma enorme quantidade de informação, mas sabem explorá-las.

Diante do que foi exposto sobre a multimodalidade textual referente a essa nova geração interconectada, Dionísio (2005) aponta um aspecto significativo frente a essa investigação que seria a posição das informações no

texto e os movimentos oculares que resultam do uso de palavras e imagens. A autora realizou uma pesquisa com crianças, adolescentes e adultos que lêem textos multimodais e constatou que tanto as crianças quanto os adolescentes consideraram a princípio os elementos visuais do texto, já os adultos leram primeiramente o texto verbal e se mostraram menos receptivos a textos que fazem uso de elementos não verbais.

Com a cibercultura, a sociedade torna-se cada vez mais visual, e nisso, ampliam-se as mídias e as formas de comunicação. A linguagem humana corresponde principalmente à linguagem verbal, seja ela oral ou escrita, porém, hoje se lê também imagens, a linguagem dos textos não verbais. A junção desses dois tipos de linguagem conduz a uma ou várias interpretações por parte do leitor, cabe a este, usar de diversos sentidos como, olhar, ouvir, tocar, etc., a fim de atribuir sentido ao texto. Interessante ressaltar uma afirmação de Nascimento (1984) que pode ser projetada aos dias atuais: “habitualmente lemos superficialmente e sobrepomos o conteúdo a nossa experiência à mensagem que nos pretendem transmitir” (p.102).

Considerações finais

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação ganharam espaço na atual sociedade tendo em vista o aprimoramento e inovação das técnicas, recursos e serviços, no intuito de facilitar as atividades rotineiras de cada indivíduo com eficácia e rapidez. O que parece ser uma ideia simples está atrelada a um sistema complexo que envolve tecnologia, sociedade e cultura.

Como em outras épocas, é natural que a prática de leitura se desenvolva e continue representando uma prática social que possibilita a aquisição do conhecimento; e nesse sentido, o perfil do leitor também sofre modificações, o que se evidenciou um aspecto fundamental, caracterizando as diversas mudanças nos modos de ler. Portanto, faz-se necessário um novo olhar perante as significativas transformações nos papéis dos canais de mediação da leitura e do leitor contemporâneo.

Pode-se averiguar também que a evolução das práticas de leitura e da história do livro se entrelaçam e têm como base uma diversidade de culturas, constituindo um estudo com caráter interdisciplinar. Porém, nos diversos estudos usados nesta investigação, observou-se que a maioria deles prioriza as questões relativas às mudanças nos meios de produção do livro, em detrimento das modificações ocorridas nas práticas sociais.

A análise das práticas sociais representa um valioso meio para investigações de caráter histórico, pois pode-se reconhecer o que, de fato, constitui-se como uma ideologização ou uma utopia nostálgica perante as questões relativas ao futuro do livro e da leitura. O advento da eletricidade marcou o fim de uma era de milagres e romance e deu início a uma era baseada na racionalidade e ciência. O livro eletrônico está transformando a forma e a ordem de escrever, de obter e fornecer a informação e mudanças significativas na execução da leitura.

Logo, ficaram expostos quatro aspectos de suma importância para este trabalho: 1) O livro como produto cultural de grande representação simbólica; 2) A coexistência do uso do livro impresso e do livro eletrônico; 3) As mudanças ocorridas na prática de leitura e também na produção e

disseminação do livro; 4) A relevância do papel do leitor na evolução do livro e da leitura.

Com base no percurso histórico do livro e da leitura, Roger Chartier e Roberto Darnton supõem que uma possibilidade mais realista do caminho a ser trilhado pelo livro daqui por diante seria a de uma complementaridade entre os livros eletrônicos e impressos e não uma possível substituição destes por aqueles. Essa discussão abrange vários elementos ligados à cadeia produtiva do livro, que também adquiriu novas atribuições e perspectivas com o surgimento do livro eletrônico.

Essas mudanças ressignificam os papéis dos autores, editores, do comércio livreiro e do leitor, gerando tensões e conflitos causados pela urgência em se adaptarem ao sistema emergente entorno do digital. Diante de novas ferramentas de trabalho, os autores que antes criavam suas obras diante de ideias solitárias, de forma manuscrita ou em uma máquina de escrever, hoje, com o digital, possuem recursos que possibilitam não só a facilidade de editoração de um texto, como também podem obter uma visão geral do mundo de seus leitores, que os ajude com desenvolvimento e disseminação do texto. A interação com o público leitor, devido às possibilidades abertas pela tecnologia digital, permite ao autor passar a perceber se sua obra corresponde às expectativas diante do seu público e como ele reage a tais ideais; desse modo, o leitor possui uma enorme influência diante das ideias geradas a princípio apenas pelo autor, mas que se entrelaçam com suas opiniões e perspectivas.

Há mudanças também nas práticas comerciais, como ocorreu após a grande contribuição de Gutenberg e seus tipos móveis que proporcionaram a disseminação e acesso ao livro, hoje, essas práticas ainda se apoiam numa geração de editores que precisaram aliar práticas tradicionais com as do século XXI, pois, ainda existe uma demanda de livros impressos, mas também há os livros eletrônicos, nos seus diversos suportes e formatos. Consequentemente, assim como ocorre mudanças no papel do autor e editor, as formas de comercialização e a distribuição dos livros atualmente também se modificaram.

Diante dessas transformações, foi extremamente relevante discutir as perspectivas do leitor, partindo de questões como: quem lê, como lê, e onde se lê. Os leitores sempre construíram uma relação com o meio em que a prática de leitura se realiza, fosse ela em família, em leituras públicas, nos ambientes de aprendizagem escolar ou acadêmicos, bibliotecas, etc. Hoje existe um novo espaço, o Ciberespaço, e este oferece uma miríade de possibilidades.

O leitor contemporâneo busca a leitura a partir de seus gostos e hábitos específicos, outrora, esse hábito era traçada pela experiência do autor e/ou editor, hoje, o leitor pode usar de sua própria experiência e atribuir sentido e significados próprios à leitura realizada. O leitor não é mais visto como um leitor passivo, e sim como um leitor ativo, que participa e influencia o processo autoral e editorial relativo ao livro.

A pesquisa também mostra que o leitor precisa adquirir o hábito de não apenas visualizar a parte verbal do texto, e sim considerar que elementos como vídeos, sons, fotografias, hiperlinks também representam conteúdos textuais; e estes estão presentes numa grande diversidade de gêneros textuais como: charges, blogs, infográficos, redes sociais, e-mail, etc. Deste modo, o que se inicia é a uma nova visão de uma alfabetização voltada para o novo contexto tecnológico e que abrange a leitura e compreensão dos textos em meios interativos, uma formação pautada no letramento digital.

O cunho multimodal dos textos de hoje, que corresponde à junção em um mesmo texto do uso da língua e da imagem, só foi possível estender-se devido ao seu principal dispositivo, o hipertexto. Com isso, a leitura perde um pouco de seu padrão linear, instaurado desde a invenção do impresso e que delimitava a maneira linear de pensamento, para dar espaço à leitura não linear. Logo, podem-se adotar os conceitos de leituras híbridas, textos híbridos e leitores híbridos, em que fatores como autonomia do leitor e versatilidade textual são um dos pontos chave para compreender as práticas de leitura no meio eletrônico.

Atualmente o modelo de aprendizagem que abrange tanto o leitor em formação como o leitor que já descobriu o gosto pela leitura baseia-se numa leitura social que está inserida nas práticas essencialmente voltadas para “uma

aprendizagem 2.0". O leitor da era digital necessita de instrumentos de instrução educacional que o permita ser capaz de aprender a ler os novos formatos textuais para chegar ao prazer do conhecimento. O livro eletrônico surge então como um suporte de leitura que assim como no papel vem a adotar padrões que rompem com a forma tradicional comumente usada pela sociedade. Essa ruptura não significa abolir os padrões usados pelo formato tradicional, mas adaptá-los ou ressignificá-los perante o meio digital, pois é inegável que com o desenvolvimento da Internet, modificaram-se as formas de escrita, a editoração e distribuição dos livros, os formatos textuais e conseqüentemente as práticas e modos de leitura.

Logo, a tecnologia se faz presente no dia a dia das pessoas constantemente, seja isso perceptível ou não, dependendo do nível de interação do indivíduo com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação – Tic's. Seja em ambientes educacionais, profissionais ou de lazer, ela encontra-se também nas casas em aparelhos domésticos (forno micro-ondas, *Smart* TVs, etc.), na resolução de problemas do cotidiano (atendimento ao consumidor via chat – atendimento virtual), em transações financeiras (aplicativos bancários).

Pode-se concluir que com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação ocorreram mudanças relativamente novas, porém, muito mais rápidas e com constantes modificações em suas técnicas, isso certamente causou um forte impacto na sociedade, transformando significativamente o ato de ler. Espera-se que este estudo, de cunho teórico-descritivo, possa vir a contribuir com novas perspectivas relativas às práticas de leitura frente à realidade que remete ao surgimento de diversas mídias e suportes de leitura, sem a pretensão de encerrar o estudo com uma única conclusão, longe disso, espera-se preencher algumas lacunas que possam fornecer suporte para o trabalho dos mediadores de leitura, bibliotecários, professores, leitores de livros eletrônicos e demais interessados no tema.

Referências bibliográficas

- Alonso-Arévalo, Julio, & Córdon García, J. A. (2014). Lectura social, metadatos y visibilidad de la información. In *XLV Jornadas mexicanas de biblioteconomía*. Monterrey, México. Acesso em: 10 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/23095/>
- Alonso-Arévalo, Julio, & Córdon García, J. A. (2015). El libro como sistema: hacia um nuevo concepto de libro. *Cuadernos de Documentación Multimedia*, 26, 25-47. Acesso em: 21 de junho de 2017. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/CDMU/article/view/50628>
- Amarilha, Marly (2010). A formação do leitor no século XXI: a multimodalidade na formação do leitor contemporâneo. *Anais da Reunião anual da SBPC*, 62, 1-11. Acesso: 07 de setembro de 2017. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/mesas_redondas/MR%20Marly%20Amarilha.pdf
- Bernardes, Alessandra S., Cunha, Patricia V. da & Vieira, Paula M. T. (2003). A leitura/escrita no ciberespaço: uma discussão a partir d conceito de gênero discursivo em Bakhtin. *TEIAS*, 4, (7-8), 1-13. Acesso: 29 de setembro de 2017. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23963>
- Bezerra, Aluizio L., Lima, Eliete A. & Oliveira, Marcos N. (2016). Leitura de texto multimodal: explorando a charge no ensino de Língua Portuguesa. *Letras & Letras*. 32, (4), 226-242. Acesso: 02 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/34584/20447>
- Borges, Maria Manuel (2002). *De Alexandria a Xanadu*. Coimbra: Quarteto.
- Borges, Maria Manuel (2006). *A esfera: comunicação acadêmica e novos media*. (Tese de Doutorado). Disponível em Repositório Institucional da Universidade de Coimbra.
- Bresson, François (1996). A leitura e suas dificuldades. In Chartier, Roger. *Práticas de leitura*. (pp. 25-34). São Paulo: Estação Liberdade.
- Brito, Francisca F., V. de & Sampaio, Maria L., Pessoa (2013). Gênero digital: a multimodalidade resignificando o ler/escrever. *Signo*. 38, (64), 293-309. Acesso: 04 de outubro de 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/3456/2570>

- Castells, Manuel. (2000). *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v.1, 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ceale (2017). *Glossário: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Minas Gerais: UFMG.
- Chartier, Roger (1996). *Do livro à leitura. Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Chartier, Roger. (1997). *A ordem dos livros*. Lisboa: Vega.
- Chartier, Roger. (1998). *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP.
- Chartier, Roger (2001). *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antoni Saborit*. Porto Alegre: ARTMED.
- Chartier, Roger. (2003). *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2003.
- Cordón-García, J. A. (2016). La lectura em el entorno digital: nuevas materialidades y prácticas discursivas. *Revista Chilena de literatura*, 94, 15-38. Acesso: 13 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/90000051>.
- Cordón García, J. A., & Jarvio, A. O. (2015). ¿Se está transformando la lectura y la escritura en la era digital? *Revista Interamericana de Bibliotecología*, 38, (2), 137-145. Acesso: 01 de junho de 2016. Disponível em: <https://aprendeonlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/22585>
- Dantas, Taísa Rodrigues (2011). *Letras electrónicas: uma reflexão sobre os livros digitais*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório Institucional da Universidade de Coimbra.
- Darnton. Robert (2009). *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das letras.
- Dionisio, Angela Paiva (2005) Gêneros multimodais e multiletramento. In Karwoski, A.M., Gayddezka, B. & Brito, K. S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. (pp. 131-143). Paraná: Kaygangue.
- Eco, Umberto (1996). *From Internet to Gutenberg*. Acesso: 23 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.umbertoeco.com/en/from-internet-to-gutenberg-1996.html>

- Faria, Maria Isabel & Pericão, Maria da Graça (2008). *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. Coimbra: Almedina.
- Fischer, Steven Roger (2016). *História da leitura*. São Paulo: Unesp.
- Figueira, Bianca Soares (2015). *O livro digital e eletrônico nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras das unidades de ensino em farmácia*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório Institucional da Universidade do Federal Estado do Rio de Janeiro.
- Furtado, José Afonso. (2007). *O papel e o pixel: do impresso ao digital: continuidades e transformações*. Lisboa: Ariadne.
- García-Marco, Luis-Fernando & García-Marco, Francisco-Javier (2016). “Nuevas aplicaciones para la lectura en pantalla: lectura activa”. *Anuario ThinkEPI*, 10, 273-277. Acesso: 21 de abril de 2017. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/ThinkEPI/article/view/thinkepi.2016.60>
- Goulart, Ilsa do C. V. (2011). Um livro, diferentes modos de ler. *Leitura: teoria & prática*, 29, (56). 27-35. Acesso: 12 de outubro de 2017. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/54>
- Goulemot, Jean Marie (1996). A leitura e suas dificuldades. In Chartier, Roger. *Práticas de leitura*. (pp. 107-116). São Paulo: Estação Liberdade.
- Higounet, Charles (2003). *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola.
- Lebert, Marie (2009). *Una corta historia del e-book*. Acesso: 10 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.etudes-francaises.net/dossiers/ebookes.pdf>
- Lévy, Pierre (1998). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lévy, Pierre (2010). *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lisboa, João Luís (1997). Sobre a investigação actual em história do livro e da leitura. *Leituras: revista da Biblioteca Nacional*, 3 (1), 105-112.
- Lispector, Clarice (1998). *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Manguel, Alberto (1999). *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mello. José Barboza (1979). *Síntese histórica do livro*. São Paulo: Instituto Nacional do Livro.

- McLuhan, Marshall (2006). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.
- Myrberg, C & Wiberg, N, (2015). Screen vs. paper: what is the difference for reading and learning?, *Insights*, 28, (2), 49–54. Acesso: 14 de julho de 2017. Disponível em: <https://insights.uksg.org/articles/10.1629/uksg.236/>
- Moraes, João Antonio de, & Andrade, Eloísa B. de (2015). Notas para uma fenomenologia da vida informacional. In Broens, M.C.; Moraes, J.A.; Souza, E.A.; Andrade, R.C.S. (Orgs), *Informação, Complexidade e Auto-Organização: Estudos Interdisciplinares*. (115-134). Marília, SP: Cultura Acadêmica/UNESP.
- Nedeljkov, Gordana (2016). E-books and new dimension of reading. *Infotheca*, 16, (1-2), 99-110. Acesso: 22 de janeiro de 2017. Disponível em: https://infoteka.bg.ac.rs/ojs/index.php/Infoteka/article/view/2016.16.1_2.5_en
- Pérez Arranz, Fernando (2004). Brevíssima historia de la lectura electrónica. *El profesional de la información*, 13, (3), 179-190. Acesso: 17 de agosto de 2017. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2004/mayo/2.pdf>
- Procópio, Ednei (2013). *A revolução dos ebooks: a indústria dos livros na era digital*. São Paulo: Senai-SP.
- Serra, Liliana Giusti (2014). *Livro digital e bibliotecas*. Rio de Janeiro: FGV.
- Soares, Magda (2002). Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, 23, (81), 143-160. Acesso: 18 de agosto de 2017. Disponível em: <http://www.dedes.unicamp.br>.
- SPINAK, E. Livros eletrônicos – mercado global e tendências – Parte I: A publicação – impressa e digital – no contexto mundial [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2016. Acesso: 05 de agosto de 2017. Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2016/06/22/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-i-a-publicacao-impressa-e-digital-no-contexto-mundial/>
- SPINAK, E. Livros eletrônicos – mercado global e tendências – Parte II: A publicação do livro impresso e digital no contexto mundial [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2016. Acesso: 05 de agosto de 2017. Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2016/07/13/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-ii-a-publicacao-do-livro-impresso-e-digital-no-contexto-mundial/>
- SPINAK, E. Livros eletrônicos – mercado global e tendências – Parte III: A publicação do livro impresso e digital no contexto mundial [online]. *SciELO*

em Perspectiva, 2016. Acesso: 05 de agosto de 2017. Disponível em:
<http://blog.scielo.org/blog/2016/07/13/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-ii-a-publicacao-do-livro-impresso-e-digital-no-contexto-mundial/>

Índice de Figuras

Figura 1. Recursos sociais na plataforma de leitura de livros eletrônicos: o Kindle da Amazon	23
Figura 2. Recursos em tela através da ferramenta LiquidText	71

Índice de Quadros

Quadro 1. Datas significativas dos suportes de registros textuais	27
Quadro 2. Principais acontecimentos que marcaram a evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação	29
Quadro 3. Cronologia do livro eletrônico entre 1971-2010	33
Quadro 4. Principais formatos digitais em 2016	41
Quadro 5. Principais suportes para acesso e leitura de livros eletrônicos	42
Quadro 6. Principais sistemas operacionais para livros eletrônicos	42
Quadro 7. Classificação de plataformas para leitura social	44
Quadro 8. Plataformas para autopublicação (Selfpublishing)	49
Quadro 9. Mercado de consumo mundial de livros eletrônicos em 2016	53
Quadro 10. Produção de títulos por habitante em 2016	53
Quadro 11. Produtos e serviços com destaque em 2016	55
Quadro 12. Vantagens e desvantagens da leitura em livros eletrônicos segundo Nedeljkov (2016)	57
Quadro 13. Características dos gêneros digitais Blog e Bate-papo, segundo Brito e Sampaio (2013)	74